

CORES

a revista de responsabilidade socioambiental da Fieg

Rio+20 preconiza novos paradigmas para a economia mundial

**Conferência das Nações Unidas
sobre Desenvolvimento Sustentável –
a Rio+20 – discute soluções para conciliar
preservação ambiental, desenvolvimento
econômico e erradicação da pobreza.
Empresas com negócios alinhados a essa
proposta serão mais competitivas no
cenário do desenvolvimento sustentável**



ELIAS ALBUQUERQUE
Anglo American, Goiás

PRIMEIRA MINERAÇÃO DE EUCALIPTO DO MUNDO



Mineração e pessoas que fazem a diferença.

NA ANGLO AMERICAN, SABEMOS QUE, PARA FAZER A DIFERENÇA, É PRECISO FAZER AS COISAS DE UM JEITO DIFERENTE.

NA DÉCADA DE 1980, COMEÇAMOS A CULTIVAR EUCALIPTO, QUE INICIALMENTE ERA TRANSFORMADO EM CARVÃO VEGETAL A FIM DE GERAR ENERGIA PARA NOSSA OPERAÇÃO EM NIQUELÂNDIA, GOIÁS. ERA ENERGIA RENOVÁVEL, MAS NÃO ERA LIMPA O SUFICIENTE.

DEPOIS DE MUITA PESQUISA E INVESTIMENTO, PODEMOS DIZER QUE VALEU A PENA: PARTE DA ENERGIA QUE UTILIZAMOS EM NIQUELÂNDIA É PRODUZIDA A PARTIR DO CAVACO DO EUCALIPTO CULTIVADO EM UMA ÁREA DE REFLORESTAMENTO, SUBSTITUINDO O USO DE CARVÃO VEGETAL. É A PRIMEIRA OPERAÇÃO DE NÍQUEL NO MUNDO A UTILIZAR EUCALIPTO COMO BIOMASSA, UMA TECNOLOGIA QUE VEM SENDO APERFEIÇOADA COM A AJUDA DA GENÉTICA.

É A INOVAÇÃO GARANTINDO UMA MINERAÇÃO MAIS VERDE – MAIS UM EXEMPLO DE COMO ESTAMOS FAZENDO AS COISAS DE UM JEITO DIFERENTE PARA O BENEFÍCIO DE TODOS.

SAIBA MAIS NO
HISTORIACOMPLETA.COM.BR

CARTA AO LEITOR

A transição para um novo modelo econômico

No começo desta década, quando o aquecimento global era o principal assunto em pauta, o desenvolvimento sustentável era interpretado por governos e empresas como um perigoso remédio, que poderia curar um problema, mas matar o doente. Ainda prevalecia a crença de que as medidas de preservação ambiental – que teriam o poder de frear as mudanças climáticas – seriam adotadas à custa da redução do crescimento econômico, cortando pela raiz os planos de enriquecimento dos países emergentes, que começavam a colher os primeiros frutos do desenvolvimento e da melhora do nível de vida de parcelas da população que durante séculos estiveram condenadas à miséria.

Entretanto, desde a crise econômica mundial de 2008, a percepção sobre o desenvolvimento sustentável vem mudando. Para a Assembleia Geral das Nações Unidas, a crise criou uma oportunidade para incentivar iniciativas pautadas na sustentabilidade, por meio dos pacotes econômicos criados para ajudar na recuperação da crise. Mais do que medidas emergenciais, essas iniciativas passaram a ser vistas como o caminho para um novo modelo, no qual crescimento econômico e preocupação ambiental são estratégias complementares, atuando em sinergia.

Como a ênfase desse novo modelo parece estar num modo de produção diferente, mais racional e eficiente, entende-se que a participação do setor produtivo será decisiva para o sucesso ou não dessa transição. Alguns especialistas vêm defendendo que a implantação de uma economia ecoeficiente será comparável a uma revolução tecnológica e industrial. Negócios que, graças aos novos conhecimentos tecnológicos, se mostrem ambientalmente eficientes, serão incentivados. Por outro lado, projetos baseados na degradação dos ecossistemas e num alto consumo de energia e matérias-primas serão limitados.

Muitas oportunidades de novos negócios surgirão nesse novo cenário. Empresas pioneiras no desenvolvimento de tecnologias chamadas verdes, poupadoras de recursos e inovadoras terão protagonismo nessa nova era: serão privilegiadas por políticas de facilitação do acesso ao crédito, redução de taxas e aumento de subsídios. O custo ambiental da água, da energia e das matérias-primas empregadas na fabricação de cada produto pesará no custo final da produção, forçando o setor produtivo a mudar e a buscar eficiência e sustentabilidade. São esses os temas postos à discussão na Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20.

da REDAÇÃO
(sintese@sintese.com.br)

INDICE

GRAVIA



16 Empresas são compelidas a mudar e a rever conceitos

O debate provocado pela Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, atribui às empresas papel de destaque no novo modelo econômico que se avizinha, ao tempo em que lhes reserva o desafio de conciliar a produção com o uso racional de matérias-primas e de recursos naturais

28 Entrevista

Marconi Perillo, governador de Goiás, fala das ações de seu governo na área ambiental e dos recursos hídricos e destaca a necessidade de se preservar o bioma Cerrado

Artigos

4 **Pedro Alves de Oliveira**
Como a Rio+20 interessa à indústria e aos goianos

5 **Augusto de Araújo Almeida**
É preciso mobilização por recursos hídricos

10 **Antônio de Sousa Almeida**
Inovação, incentivo e gestão mudam indústria gráfica

24 **Ronaldo de Oliveira Dorta**
Economia verde: O futuro começa agora

38 **Beyle de Abreu Freitas**
Sustentabilidade

50 **Marcelo Eugênio Carneiro**
A magia por detrás do financiamento de projetos

PUBLICAÇÃO



Presidente da Fieg
Pedro Alves de Oliveira

Presidente do Conselho Temático de Responsabilidade Social
Antônio de Sousa Almeida

Superintendente
José Eduardo de Andrade Neto

Gerente de Comunicação
Geraldo Neto

cores@sistemafieg.org.br
Fone (62) 3219-1303



CRIAÇÃO, PRODUÇÃO E PUBLICIDADE

SínteseCom

sintese@sintese.com.br
www.sintese.com.br

Edição
Márgara Morais
Celular corporativo (62) 9971-1118

Reportagem
Vanessa Vieira

Colaboração
Graciana Rizério

Conselho Editorial
Antônio de Sousa Almeida
Leandro Gondim Silva
Nilton Antônio Faleiro
Nathalya Toaliari
Elaine Lopes Farinelli
Viviane Moreira Batista
Marisa Brandão Martins
Márgara Morais

Design gráfico
Onze Comunicação Multimídia

Projeto gráfico
Bruno Galiza

Fotografia
Corália Elias
Sílvia Simões
Arquivos da Ascom/Fieg e empresas

Capa
Sama, por Pedro Melo

Impressão
Editora Kelps

Tiragem mínima
5 mil exemplares



Como a Rio+20 interessa à indústria e aos goianos

Por Pedro Alves de Oliveira

A Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), por meio do seu Conselho Temático de Meio Ambiente, acompanhou com interesse os preparativos da Confederação Nacional da Indústria (CNI), parceira do governo na construção da posição brasileira na Conferência das Nações Unidas (ONU) sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20.

A Fieg reconhece no evento oportunidade única de avaliação dos avanços e desafios da comunidade internacional para conciliar desenvolvimento econômico e social com conservação ambiental. Mas já tem pelo menos uma visão macro: os brasileiros reconhecem a necessidade de utilizar a natureza de forma consciente e responsável, para viabilizar seu desenvolvimento econômico e social. Assim, produzir alimentos e bens de consumo, de forma correta, é preservar a própria vida humana.

No trabalho conjunto com o poder público, a CNI apoiou e reforçou a própria posição oficial de enfatizar o tema do desenvolvimento na agenda da Rio+20, sob a ótica de que os avanços, na inclusão social e no respeito aos limites do ambiente, exigem crescimento da atividade produtiva, com geração de emprego e renda, inovação e tecnologia.

Isso, porque o Brasil tem necessidade urgente de gerar riquezas para incorporar segmentos expressivos de sua população aos benefícios de um mercado de consumo de bens industriais. Seu desenvolvimento impõe crescimento da produção e do consumo, buscando distribuir a renda em uma sociedade democrática.

Essa pressa trará, obviamente, algum nível de impacto ambiental, apesar dos

“Um número cada vez maior de empresas, nos cinco continentes, já colocou a sustentabilidade na vanguarda de sua agenda”

esforços para sua redução, pela diminuição das emissões de gases de efeito estufa e pelo uso eficiente dos recursos naturais.

Tendo como temas principais “A economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza” e “O quadro institucional para o desenvolvimento sustentável”, a Rio+20 é a oportunidade ideal para a Nação evoluir suas teses e programas nesse campo, aproveitando a experiência e o comprometimento de outros povos, principalmente quando o setor privado tem papel fundamental a desempenhar no alcance dos objetivos do desenvolvimento sustentável, em especial no que diz respeito à erradicação da pobreza.

A ONU destaca que um número cada vez maior de empresas, nos cinco continentes, já colocou a sustentabilidade na vanguarda de sua agenda, sintonizada na crescente relevância e urgência dos desafios ambientais, sociais e econômicos.

Lembra a CNI que a competição por recursos naturais, impulsionada pelo crescimento da demanda mundial por alimentos e por minérios, e as crescentes preocupações com as questões de segurança alimentar e energética, estimularam a adoção de práticas protecionistas e de restrições ao acesso a recursos naturais em muitos países.

Tais fatores travam negociações internacionais para a criação de mecanismos

de financiamento destinados a apoiar o desenvolvimento e o acesso a tecnologias ambientalmente amigáveis.

O Documento Nacional de Compromissos e Posicionamentos, inclusive, mostra a relação das atividades do Sesi, Senai e IEL com a sustentabilidade. Nele, a indústria brasileira reafirma seu compromisso com a busca de inovação e eficiência nos processos produtivos, garantindo o crescimento da economia do País de maneira sustentável.

O uso de biocombustíveis e de fontes renováveis de energia é um dos aspectos que mais interessam a Goiás. Nosso Estado produz energia limpa, a exemplo da oriunda do etanol, do biodiesel e bagaço de cana. A preocupação é grande com a preservação e o aproveitamento racional dos recursos naturais e com a diminuição de emissões atmosféricas indutoras de mudanças climáticas indesejáveis.

Por sua vez, a indústria brasileira desenvolve veículos flex, pioneira mundial de sucesso nessa especialidade, com altas taxas de reciclagem de alumínio e outros materiais. Seus avanços tecnológicos chegam combinados com crescimento econômico e inclusão social baseada em melhorias nas condições de emprego e renda.

Tudo isso torna interessantes para a Fieg as discussões e conclusões da Rio+20.



ALLTON CARVALHO

É preciso mobilização por recursos hídricos

Por Augusto de Araújo Almeida

Nos últimos anos, a questão dos recursos hídricos tem ganhado grande importância na agenda político-institucional do Estado de Goiás, em razão de situações de conflitos ou de estresse hídrico que já se instalaram em nosso território.

O relatório Conjuntura dos Recursos Hídricos no Brasil 2011, da Agência Nacional de Águas, classificou a condição qualitativa do Rio Meia Ponte como péssima e, em relação à condição quantitativa, como muito crítica. Estamos falando do rio cuja bacia hidrográfica é responsável pelo abastecimento de 45% da população do Estado e ao longo do qual são gerados 40% do nosso PIB. Os goianos Meia Ponte e São Bartolomeu são apontados entre os piores rios do Brasil no balanço qualitativo do mencionado relatório.

Outra região de estresse hídrico é a Bacia Hidrográfica do Rio dos Bois e Rio Turvo, onde os limites de outorga do uso da água já estão perto de serem atingidos em vários mananciais. No município goiano de Cristalina, atualmente o maior centro de agricultura irrigada da América Latina, está estabelecido um dos conflitos pelo uso da água de maior complexidade do Brasil. A usina hidroelétrica de Batalha, no Rio São Marcos, precisa de vasões de água para suprir seu reservatório que determinarão a interrupção do crescimento da área irrigada na região.

Sustentado por três eixos estratégicos, a Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (Semarh) trabalha um conjunto de ações para maximizar os benefícios econômicos e sociais dos recursos hídricos, respeitando as populações a jusante.

O primeiro tem por objetivo mobilizar as instituições e a sociedade para

“Relatório da Agência Nacional de Águas classificou a condição qualitativa do Rio Meia Ponte como péssima e, em relação à condição quantitativa, como muito crítica”

participar da elaboração e execução de políticas públicas de desenvolvimento sustentável. O Conselho Estadual de Recursos Hídricos foi revitalizado em 2011 e ganhou papel de protagonista dentro do sistema. Após sua volta, já produziu 13 resoluções que tratam desde orientações sobre usos (outorga) à criação de comitês de bacias hidrográficas.

De 4% de área territorial representada por apenas um comitê, Goiás passou a ter 44%, representada por cinco comitês. A meta é chegar em 2014 com todo o território goiano dividido por unidades de gestão com seus comitês em funcionamento.

Outro eixo são os instrumentos de gestão, como a outorga de direito de uso de recursos hídricos visando garantir o exercício do direito de acesso à água. Trata-se de um ato administrativo pelo qual o poder público outorgante – no caso de Goiás, a Semarh – faculta ao outorgado o direito do uso de recurso hídrico, por prazo e condições expressas no respectivo documento. Uma campanha para a legalização de usos, em 2011, incrementou em 111% os procedimentos de outorga em relação ao ano anterior. A expectativa é que este ano eles tripliquem em razão do Programa de Regularização dos Usos na Irrigação, em parceria com a Secretaria de Estado da Agricultura.

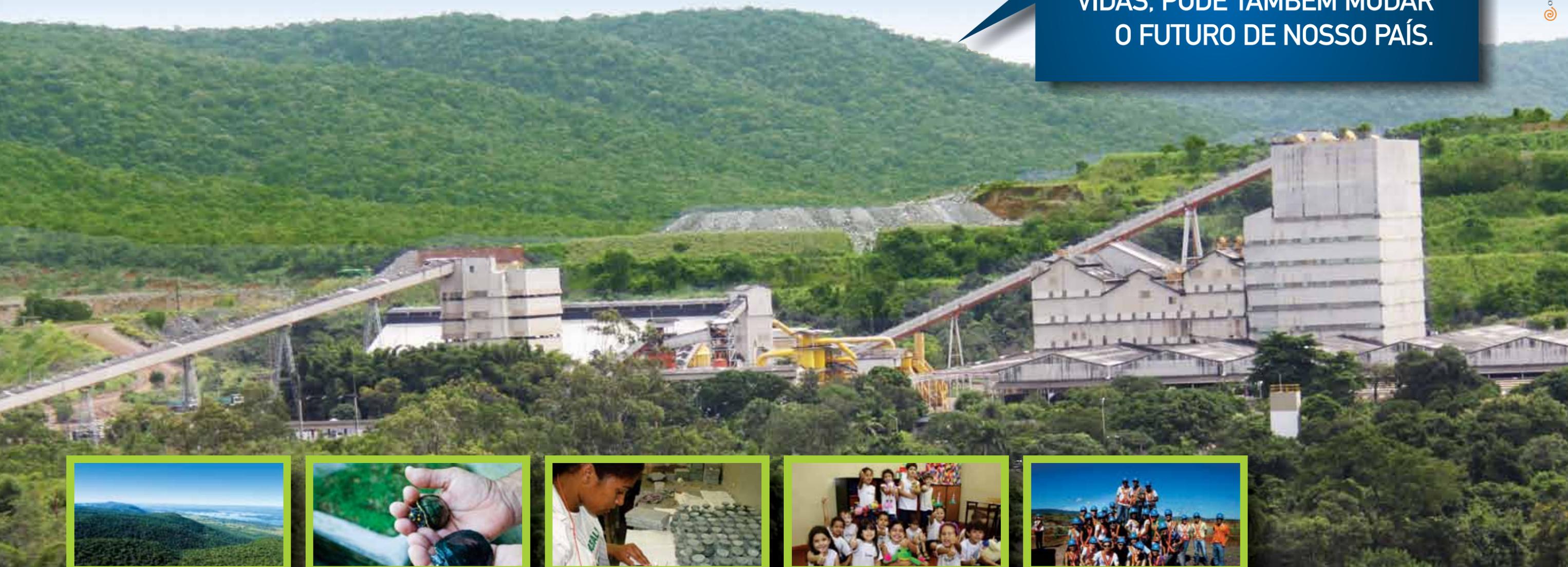
O objetivo é melhorar os níveis de eficiência dos nossos irrigantes, para que menos área seja necessária para a produção de alimentos, diminuindo a pressão nas áreas remanescentes de Cerrado.

Dois instrumentos de gestão do uso da água em Goiás estão em curso: o Sistema de Informações e o Plano Estadual de Recursos Hídricos, que se constituem numa plataforma de diálogo entre planos setoriais de irrigação, de saneamento, de geração de energia elétrica, de transporte hidroviário, da indústria, de turismo e lazer e de meio ambiente.

Finalmente, o terceiro eixo visa ações de proteção dos mananciais de abastecimento das nossas cidades. Foi criada uma unidade de conservação de proteção integral em torno da barragem do Ribeirão João Leite e outras unidades nas bacias dos rios Meia Ponte e Descoberto, em fase de estudos de implantação.

A disponibilidade de água para as futuras gerações vai depender de nossa capacidade em tirar proveito dos avanços tecnológicos, políticos, institucional e gerencial para a conservação dos recursos naturais. O equilíbrio ambiental é fundamental para que o ciclo hidrológico nos forneça água em quantidade e qualidade.

QUEM TRANSFORMA NOSSAS VIDAS, PODE TAMBÉM MUDAR O FUTURO DE NOSSO PAÍS.



Sustentabilidade

é conseguir preservar 80% dos 4.500 ha da área de concessão por meio da Reserva Florestal SAMA ou implantar um projeto de conscientização ambiental contra o desperdício da água (CADA). N° de beneficiados: + de 5.000 pessoas.



Responsabilidade

é transformar, há 16 anos, a lagoa de decantação da mineradora no primeiro Criadouro Conservacionista de Quelônios da Amazônia do Estado de Goiás, protegendo 821 animais. N° de beneficiados: + de 5.000 pessoas.



Seriedade

é compreender a importância da coleta seletiva, há oito anos, e criar o Projeto Sambaíba, que também inclui socialmente os cidadãos de Minaçu-GO através de projetos de artesanato. Número de peças artesanais/ano produzidas: 12.000 Número de participantes: 32.



Compromisso

é desenvolver o Projeto SAMA nas Escolas, promovendo a interação dos alunos da rede pública de ensino de Minaçu com a SAMA. Número de beneficiados: + de 350 alunos por ano.



Transparência

é abrir suas portas e apresentar seu processo produtivo e todo o funcionamento da mineradora a quem quer que seja, por meio do Programa Portas Abertas. Desde 2004 a SAMA já recebeu mais de 9.000 visitantes.



Compromisso com a vida

A Sama produz amianto Crisotila, essencial à construção do Brasil.

Diferenciais asseguram sustentabilidade ao processo

Construtora é escolhida para apresentar estudo sobre sistema de gestão que concilia desenvolvimento econômico, social e ambiental, em fórum que precede a Rio+20



Empresa desenvolve projeto que orienta trabalhadores sobre como transformar resíduos da construção em matéria-prima

Na agenda dos eventos que antecedem a Rio+20, o VIII Congresso Nacional de Excelência em Gestão (CNEG 2012) – que este ano foi realizado em parceria com evento integrante da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, o World Symposium on Sustainable Development at Universities, abriu espaço para que a Pontal Engenharia apresentasse estudo técnico sobre construção sustentável. Selecionado entre os melhores artigos submetidos ao congresso, o estudo mostrou como a construtora conseguiu reduzir os impactos das obras que edifica e atender as necessidades dos clientes, com respeito à comunidade, utilizando a educação ambiental como meio para o envolvimento da sociedade nas

questões relacionadas ao desenvolvimento sustentável.

Há 25 anos no mercado, a goiana Pontal é reconhecida como sendo a primeira construtora no Brasil a receber cinco certificações do ICQ Brasil (certificadora acreditada pelo Inmetro) atestando a qualidade, responsabilidade e eficácia de seus processos construtivos. O pioneirismo na adoção de práticas para a sustentabilidade, fez com que seu Sistema Integrado de Gestão (SIG) passasse a ser uma referência na área da construção civil e uma ferramenta gerencial de alta eficiência para o atendimento dos princípios da construção sustentável, alinhados aos requisitos de desempenho de programas de certificação públicos para a sustentabilidade como o Selo

Casa Azul CEF – Construção Sustentável.

No estudo apresentado no congresso, a Pontal mostrou de que forma projetos como o Produção Mais Limpa e Sustentável com Resíduo Zero contribuíram para a otimização e aproveitamento dos recursos naturais. A construtora adota o princípio dos 5 R's: reduzir, reusar, reciclar, repensar e recusar, e pratica a logística reversa para o gerenciamento dos resíduos e entulhos da construção, com o reaproveitamento de todos eles dentro da própria obra. O projeto inovou ao demonstrar que é possível solucionar o problema do desperdício reduzindo o descarte de resíduos em 85,4% em relação a uma obra média brasileira. Por meio de uma miniusina de reciclagem, restos de canaletas, blocos, concretos,

pedras e argamassas têm destinação planejada e específica. O material resultante é novamente transformado em matéria-prima e passa a ser empregado em revestimentos, contrapisos e na produção de blocos de concreto.

Várias outras ações do SIG incrementam os processos sustentáveis perseguidos pela construtora como o aproveitamento de água da chuva, desenvolvido por meio de tecnologia própria desde 2001, e que permite a captação e armazenamento para uso em banheiros dos apartamentos e áreas comuns dos empreendimentos que levam sua marca. A redução no consumo de água pode gerar uma economia para o proprietário do imóvel de até 40% no período chuvoso. Outros recursos são utilizados tendo como foco ações sustentáveis e redução de custos. Destaque para o aproveitamento da água dos aparelhos de ar-condicionado, medição individualizada para água potável fria, quente e da chuva e um sistema de bacia sanitária (ecoflush) que permite dois tipos de acionamento de descarga – 3 litros e 6 litros, com redução de 15% no consumo de água.

Tecnologia patenteada - A construtora também desenvolveu sistema inovador de aquecimento de água por energia solar que permite uma economia em torno de 25% nas tarifas de energia elétrica. Segundo o engenheiro Wesley de Andrade Galvão, da equipe técnica, o sistema pode ser uma solução

viável e uma alternativa energética para o Brasil e o planeta, e está sendo patenteado pela construtora.

Essas transformações na cadeia de produção alteraram padrões construtivos convencionais e vieram acompanhadas de mudança de mentalidade e visão no tocante ao relacionamento da empresa com a comunidade e o meio ambiente, é o que relata o engenheiro e diretor Ricardo Mortari Faria.

Sistema Integrado de Gestão se distingue como ferramenta gerencial de alta eficiência para o atendimento dos princípios preconizados pela construção sustentável

Memória ambiental

A instalação do Museu Carpológico selou a parceria entre a Pontal Engenharia e o Jardim Botânico Amália Hermano Teixeira, em Goiânia-GO, e está contribuindo para o resgate da memória ambiental do Cerrado, por meio do Projeto Primavera, desenvolvido desde 2011, numa área de 900 mil m², onde são realizadas pesquisas, coleta e armazenamento de sementes e frutos. No período, foram produzidas 10 mil mudas de espécies do Cerrado para recompor a flora do próprio jardim botânico e entorno. Numa segunda etapa, a construtora pretende identificar e produzir plantas medicinais, ornamentais e bromélias. “Essas coleções representam a base das atividades de educação ambiental”, destaca a bióloga do Amália Hermano Teixeira, Geórgia Ribeiro.

Em abril deste ano, o Amália Hermano Teixeira recebeu uma promoção hierárquica, sendo enquadrado na categoria C, deixando de ter apenas o título de parque ambiental, conforme divulgado pelo Sistema Nacional de Registro de Jardins Botânicos, do Ministério do Meio Ambiente.



Ricardo Faria (à esquerda), junto com profissionais da Pontal Engenharia, é recebido pela equipe do Jardim Botânico Amália Hermano Teixeira



Inovação, incentivo e gestão mudam indústria gráfica

Por Antônio de Sousa Almeida

É cada vez maior a exigência dos consumidores por certificações que comprovem a procedência dos materiais utilizados pelas indústrias e de como é feito o descarte dos resíduos produzidos pela atividade industrial. Algumas indústrias começam a viver a experiência de perder negócios de grande porte por não terem como comprovar a adoção de práticas ambientalmente corretas. Este não é um sinal isolado. Há muitos outros indicadores de que a sustentabilidade é hoje uma questão estratégica de mercado, e não apenas uma preocupação secundária. Um negócio ambientalmente responsável também pode representar economia de recursos e maior rentabilidade. No setor gráfico, isso fica evidente quando da adoção de maquinário dito ecoeficiente. As gravadoras de chapas que dispensam químicos, como os reveladores, além de evitarem o uso de um material poluente, também representam economia: de tempo no processo de revelação, de gastos com produtos químicos e de custos com o descarte adequado dos resíduos perigosos.

Junto com os diretores do Sindicato das Indústrias Gráficas do Estado de Goiás (Sigeo) demos um importante salto na caminhada de nossas indústrias rumo à excelência em suas práticas ambientais. Antecipando-se às autoridades da área ambiental, que ainda não têm um documento de referência para as atividades do setor, o Sigeo publicou em abril um documento com instruções normativas para a classificação e destinação adequadas dos resíduos produzidos pelas gráficas. Em resumo, esses subprodutos foram divididos em três categorias. Na classe A concentram-se resíduos reutilizáveis ou

“As indústrias gráficas podem ir além, priorizando o uso de materiais recicláveis e biodegradáveis nas diversas fases do processo industrial”

recicláveis como agregados, tais como aparas de papéis, chapas de alumínio, matérias-primas que sofrem reciclagem. Na classe B entrariam resíduos recicláveis para outras destinações, como plástico, metais, vidros, madeira e outros que serão feitos pela coleta seletiva. Finalmente, na classe C estariam concentrados os resíduos perigosos oriundos do processo de composição química, como tintas, solventes, óleos, álcool, revelador e fixador.

Sobre a destinação desses materiais, a principal diretriz é a proibição da disposição dos resíduos em aterros de resíduos domiciliares, em encostas, cursos d'água ou em suas margens, em lotes vagos, áreas protegidas por lei, áreas recobertas com vegetação de cerrado nativo ou em regeneração, áreas alagadiças ou com lençol freático aflorante, margens das rodovias, estradas vicinais e ferrovias e as demais áreas não licenciáveis. Para os dejetos das classes A e B, a orientação é que sejam reciclados na forma de agregados, ou encaminhados a áreas do aterro de resíduos, dispostos de modo a permitir a sua utilização ou reciclagem futura. No caso dos resíduos da classe C, deverão ser armazenados, transportados e destinados em conformidade com as normas técnicas específicas determinadas pela autoridade da área ambiental. Segundo o texto, o

descarte, mesmo que provisório, em áreas diferentes das estabelecidas acarretará na cassação da licença ambiental da empresa gráfica, além de outras penalidades previstas pela legislação vigente.

As indústrias gráficas ainda podem ir além, priorizando o uso de materiais recicláveis e biodegradáveis nas diversas fases do processo industrial, desde as estopas usadas na limpeza dos equipamentos até os tambores empregados para armazenar tintas e outros produtos químicos. Muitas têm feito isso voluntariamente, mas o incentivo governamental poderia acelerar o processo. Não faz sentido cobrar impostos sobre atividades assumidas pelas empresas para beneficiar o meio ambiente e a coletividade. Também seria de suma importância para o sucesso dessas medidas a concessão de financiamentos com vistas à aquisição de equipamentos modernos e eficientes.

Os empresários precisam enxergar os investimentos em sustentabilidade como um diferencial competitivo, como um bônus – e não um ônus. E os governos têm papel decisivo na construção dessa percepção. Se empresários e governo forem parceiros nesse processo, o desenvolvimento sustentável não será apenas um ideal a ser perseguido, mas uma realidade.

Antônio de Sousa Almeida (antonio@kelps.com.br) é presidente do Conselho Temático de Responsabilidade Social da Fieg e do Sindicato das Indústrias Gráficas do Estado de Goiás (Sigeo)



TODA FÓRMULA DE SUCESSO DEPENDE DA QUALIDADE DOS PRINCÍPIOS

Aliar tecnologia a valores humanos é uma das grandes preocupações da Cifarma, um laboratório farmacêutico goiano que tem como missão “disponibilizar produtos que promovam a saúde e o bem-estar da população, aliados a preços competitivos” e, como visão, “ser reconhecida como uma das maiores e melhores forças produtivas do mercado farmacêutico brasileiro”. Além de um trabalho intensivo de divulgação de seus produtos junto à classe médica de todo o país, a Cifarma desenvolve também uma vasta linha de produtos isentos de prescrição (MIP).

Para alcançar estes objetivos, a Cifarma investe continuamente não apenas em seus dois parques industriais, em Goiânia e em Santa Luzia - Minas Gerais, mas também em projetos de educação corporativa que visam ampliar o capital intelectual de seus colaboradores. “Uma empresa nunca é maior do que as pessoas que trabalham nela” afirma seu presidente, Sr. Marinho Braga.

Práticas de boa governança corporativa também são implementadas a cada dia e se tornam parte da filosofia de trabalho da Cifarma. Dentre estas práticas, a responsabilidade socioambiental exerce papel importante no dia-a-dia da empresa. Na área social, a Cifarma apóia, através da disponibilização de medicamentos hormonais, instituições como o Departamento de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital das Clínicas de Goiânia, que oferece atendimento às mulheres de baixa renda, no planejamento familiar e reposição hormonal, como também nos programas de assistência da Organização das Voluntárias de Goiás (OVG), como o “Meninas de luz”, entre outros.

O desenvolvimento econômico com sustentabilidade é também um assunto de interesse da Cifarma, que, ao participar da implementação do projeto Brasil Mata Viva, tem suas emissões de CO2 totalmente compensadas. A conscientização para a preservação do meio ambiente e para um consumo responsável são temas do cotidiano entre os colaboradores da empresa, que aprendem a gerenciar corretamente seus resíduos sólidos e químicos. Durante a Semana do Meio Ambiente, realizada todos os anos, são apresentadas novas tecnologias ambientais para uma produção limpa. É com orgulho que a Cifarma faz parte também da rede de empresas amigas do voluntariado, participando das ações da Junior Achievement, assim como também é afiliada ao Instituto Ethos e alinhada às metas do milênio.

“Trabalhamos pela vida e pela saúde e bem-estar das pessoas. E isso começa nas bases, no meio ambiente. De nada vai adiantar fabricarmos medicamentos para curar as doenças se o essencial é preservamos a água e o ar que nos garantem a vida”, afirma Sônia Silveira Braga, vice-presidente da Cifarma.

Grupo integra Parceria Empresarial pelos Serviços Ecossistêmicos

Objetivo é promover novas estratégias de negócios que aliem o desempenho empresarial à gestão sustentável dos ecossistemas

Em seu constante engajamento com as questões ambientais, a Anglo American, multinacional do setor de mineração, tornou-se membro fundador da Parceria Empresarial pelos Serviços Ecossistêmicos (PESE), viabilizada pelo Centro de Estudos em Sustentabilidade da Fundação Getúlio Vargas (GVces), pelo Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS) e pelo World Resources Institute (WRI) e que foi lançada em 10 de maio, no Rio de Janeiro.

Trata-se de um grupo de empresas líderes do Brasil que promoverá, durante o período de um ano, uma série de workshops com o intuito de demonstrar como a biodiversidade e os serviços ecossistêmicos podem melhorar o desempenho corporativo no Brasil. A parceria abordará novas soluções que aliam o desenvolvimento industrial à preservação dos ecossistemas, por meio da plataforma Corporate Ecosystem Services Review (ESR), ou Revisão Corporativa dos Serviços Ecossistêmicos, metodologia líder de avaliação de serviços ecossistêmicos.

Ao final dos workshops que compõem a PESE, é esperado que cada companhia consolide estratégias de negócios específicas alinhadas à gestão dos serviços ecossistêmicos. Como resultado, estudos de caso serão desenvolvidos e apresentados no evento internacional da PESE, em julho de 2013. "Este é mais um passo da companhia em direção à consolidação das melhores metodologias na área", afirma Juliana Rehfeld, gerente de Desenvolvimento Sustentável da Unidade de Negócio Níquel da Anglo American.

A companhia adota os mais altos padrões de segurança e responsabilidade em todos os seus negócios e localidades e promove o desenvolvimento sustentável nas comunidades próximas às suas regiões de atuação. As operações de mineração, projetos de expansão e atividades de



Inspecionar o uso dos recursos naturais nas áreas onde estão instaladas as unidades operacionais faz parte do sistema de gestão ambiental adotado pela companhia

exploração da empresa estão presentes no sul da África, América do Sul, Austrália, América do Norte, Ásia e Europa.

A empresa atua no Brasil desde 1973 e hoje está presente no País com quatro commodities: minério de ferro, com o Minas-Rio, o maior projeto de exploração de minério de ferro em desenvolvimento no mundo; níquel, com operações nos municípios de Barro Alto e Niquelândia, em Goiás; fosfato (Copebrás), com as operações nos municípios de Ouvidor (GO), Catalão (GO) e Cubatão (SP), e Nióbio, presente nos municípios de Catalão e Ouvidor, em Goiás.

Poliana Mendes e Thiago Bernardi, da UFG, instalam câmera para monitoramento de pequenos mamíferos como parte dos estudos para a preservação de fauna e flora



Ações educativas em prol do Cerrado

O projeto "A biodiversidade vai para a escola" é uma iniciativa inédita, que prevê a capacitação científica de professores para ensinar sobre a riqueza da fauna e flora do Cerrado e a distribuição gratuita de material didático para as escolas da região de Niquelândia e Barro Alto. Com o material em mãos, os mestres ganham uma ferramenta para fomentar a curiosidade e a discussão sobre a importância da conservação desse ecossistema para seus alunos.

Foram produzidos sete livros, que abordam plantas, peixes, insetos, répteis, anfíbios, aves e mamíferos. O programa foi desenvolvido com linguagem descontraída, imagens e ilustrações, para facilitar o aprendizado e a conscientização do público infanto-juvenil acerca do ciclo da vida na região. Segundo o gerente de Desenvolvimento Sustentável das plantas Barro Alto e Codemin Marcelo Galo, o projeto é fruto de cinco anos de monitoramento da fauna e flora nas propriedades da Anglo American, nos municípios de Niquelândia e Barro Alto, em conjunto com a Universidade Federal de Goiás (UFG).

A EBM É UMA GRANDE EMPRESA EM NÚMEROS. EM VALORES, É AINDA MAIOR.

UMA DAS MAIORES INCORPORADORAS DO BRASIL E LÍDER EM GOIÁS E NO DISTRITO FEDERAL. A SEGUIR, ALGUNS DADOS QUE MOSTRAM A GRANDEZA DA EBM.

30
ANOS
DE HISTÓRIA

155
EMPREENDIMENTOS
ENTREGUES

8,5
MIL CLIENTES
ATENDIDOS

PRESENTE EM
16
CIDADES

2
MILHÕES
DE M² CONSTRUIDOS

50
CORRETORES
PRÓPRIOS

MISSÃO

REALIZAR EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS QUE APRIMOREM A QUALIDADE DE VIDA DAS PESSOAS.

VISÃO

CRESCER SENDO A MELHOR OPÇÃO DO CLIENTE NA BUSCA POR UM PRODUTO IMOBILIÁRIO, REMUNERANDO ADEQUADAMENTE OS ACIONISTAS DO NEGÓCIO.

VALORES

- ÉTICA
- RESPONSABILIDADE SÓCIO-AMBIENTAL
- SOLIDEZ
- TRANSPARÊNCIA
- INOVAÇÃO
- VALORIZAÇÃO DO SER HUMANO
- EXCELÊNCIA NO RELACIONAMENTO COM O CLIENTE
- QUALIDADE NOS PRODUTOS E SERVIÇOS
- UNIÃO ORGANIZACIONAL

PÚBLICO INTERNO

QUALIDADE DE VIDA NÃO É EXCLUSIVIDADE DE QUEM VIVE EM UM EBM. QUEM TRABALHA AQUI, TAMBÉM PODE EXPERIMENTAR ISSO. A EMPRESA POSSUI MAIS DE 20 PROGRAMAS VOLTADOS PARA O COLABORADOR, INICIATIVAS BEM SUCEDIDAS QUE RESULTAM EM UM AMBIENTE DE TRABALHO ESTIMULANTE E PRODUTIVO.

CONSUMIDORES

A EBM CRIOU UM RIGOROSO PADRÃO DE QUALIDADE EM SUAS OBRAS E PRIORIZOU ÉTICA E TRANSPARÊNCIA NA SUA CONDUTA. EM CONSEQUÊNCIA, ADQUIRIU A CONFIANÇA DE SEUS CLIENTES, ATESTADA PELO NÚMERO DE UNIDADES COMERCIALIZADAS E TAMBÉM PELA SATISFAÇÃO DE QUEM ADQUIRIU UM EBM. PROVA DISSO É A RECENTE CONQUISTA DO PRÊMIO CONSUMIDOR MODERNO, UM RECONHECIMENTO À EXCELÊNCIA DO RELACIONAMENTO COM O CLIENTE.

MEIO AMBIENTE

A EBM SE PREOCUPA EM GERENCIAR O IMPACTO AMBIENTAL DAS SUAS OBRAS COM ATITUDES RESPONSÁVEIS. A INCORPORADORA SE COMPROMETE COM O CONSUMO SUSTENTÁVEL DOS RECURSOS NATURAIS E COM A CONSERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE.

- CONSUMO RESPONSÁVEL DE MADEIRA
- GERENCIAMENTO DE RESÍDUOS SÓLIDOS
- EDUCAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL
- RECICLAGEM DE LIXO
- ECONOMIA DE ÁGUA
- PAISAGISMO
- ECONOMIA DE ENERGIA
- ECONOMIA DE GÁS

COMUNIDADE

PARA A EBM, CRESCIMENTO SÓ É BOM QUANDO TODA A SOCIEDADE SE DESENVOLVE JUNTO. POR ISSO, A INCORPORADORA POSSUI UMA SÉRIE DE PROGRAMAS SOCIAIS MANTIDOS HÁ ANOS. A EBM SEMPRE MUDA PARA MELHOR A PAISAGEM EM QUE SE INSERE E A COMUNIDADE FAZ PARTE DISSO.

- ARTE DE OBRA
- PROJETO TAPUME
- OBRA AMIGA DO VIZINHO

PARA CONHECER MAIS SOBRE A EBM, LANÇAMENTOS, PROJETOS E PROGRAMAS, ACESSE:

EBM.COM.BR

62 400 1-3600



EBM 30
INCORPORAÇÕES S.A. ANOS

Rio+20 discute oportunidades e desafios de um novo modelo econômico

Empresas serão protagonistas da transição para um modelo econômico e de negócios onde tecnologia de ponta e gestão ambiental serão os pilares para o desenvolvimento sustentável

Vinte anos depois da Eco-92, 102 chefes de estado e representantes de 176 países se reúnem novamente no Rio de Janeiro para discutir como conciliar preservação do meio ambiente e desenvolvimento econômico. Entretanto, o momento histórico em que se insere a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, Rio+20, é bem diferente. Num mundo já sensibilizado para a questão das mudanças climáticas e para o impacto das atividades econômicas humanas sobre elas, o evento não é encarado como mais um debate entre ambientalistas sobre o futuro do planeta, mas como indutor de um compromisso entre governos e sociedade civil para solucionar problemas presentes e aparentemente incontornáveis, como o esgotamento dos recursos naturais diante do progressivo aumento da população mundial e da elevação de seu padrão de consumo. São 7 bilhões de pessoas, cujo ritmo de consumo supera em 50% a capacidade de recuperação do planeta.

A Rio+20 também vai se debruçar sobre o combate à pobreza. Se por um lado a luta pela erradicação da miséria é uma unanimidade, por outro, sabe-se que o aumento do poder de compra dessa população hoje excluída colocará os recursos naturais sob pressão ainda maior. Para se ter uma ideia, nos dias de hoje, 2 bilhões de pessoas se encontram na chamada classe média mundial. Até 2030, esse segmento terá alcançado a marca de 4,9 bilhões de pessoas, calcula o European Union Institute for Security Studies. Daí a importância de se discutir um novo modelo econômico, onde será preciso aumentar extraordinariamente a eficiência da produção em tudo o que diz respeito à economia de energia e de matérias-primas.

Boa parte das respostas para esse dilema provavelmente virá de inovações científicas e tecnológicas incorporadas pela indústria e pela agricultura para diminuir o custo ambiental de suas atividades. “Hoje, a cada dólar produzido, US\$ 0,41 correspondem a custos ambientais relacionados ao consumo de água, produção de lixo ou contribuição com o aquecimento global”, afirma Ricardo Abramovay, professor da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA-USP) e autor do livro *Muito Além da Economia Verde* (Editora Planeta Sustentável). Para melhorar esse desempenho, o caminho será investir na ecoeficiência – uma produção mais limpa e sustentável, baseada no melhor aproveitamento possível das menores quantidades de recursos naturais.

Nesse contexto, o setor empresarial tem papel de destaque. Na prática, caberá a ele a

responsabilidade de transformar em realidade ou não o conceito da ecoeficiência e, com um novo modelo de negócios, conciliar desenvolvimento e sustentabilidade. “A Rio+20 não será uma discussão entre ONGs ambientalistas e governos. Nós, empresários, seremos protagonistas, e teremos a missão de identificar os problemas que cada setor tem enfrentado para se tornar sustentável e propor soluções”, afirma Paulo Afonso Ferreira, diretor-secretário da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Para a entidade, a produção sustentável é hoje um imperativo. “As empresas que não caminharem rumo à sustentabilidade de seus negócios serão punidas pelas leis do mercado. Os paradigmas estão mudando e esta transformação no jeito de produzir e de fazer negócios é inevitável”, alerta o diretor da CNI.

A visão é compartilhada pelo Serviço Brasileiro de Aprendizagem Empresarial, Sebrae, para quem o investimento em práticas

Caberá ao setor empresarial a responsabilidade de transformar em realidade ou não o conceito da ecoeficiência e, com um novo modelo de negócios, conciliar desenvolvimento e sustentabilidade

sustentáveis será um diferencial competitivo cada vez mais poderoso, capaz de agregar uma série de vantagens às empresas que adotarem essa postura. “A gestão ecoeficiente propicia melhores resultados econômicos nas linhas de produção e distribuição, pois reduz o desperdício; maior acesso a linhas de crédito, visto que bancos solicitam informações relativas a aspectos ambientais que precisam ser comprovadas no plano de negócios; menor pressão de clientes que cobram uma gestão baseada nos princípios da sustentabilidade; e alcance de diferencial e valor de marca, dada a preferência do consumidor por marcas que demonstrem ética e transparência em

suas práticas”, afirma o diretor-superintendente do Sebrae Goiás, Manoel Xavier Ferreira Filho.

Pioneirismo - Algumas empresas goianas têm se adiantado no que diz respeito à sustentabilidade de seus negócios. Um exemplo é a Jalles Machado, do setor sucroenergético. A indústria conseguiu reduzir o consumo de água em suas plantações de cana, bem como o de fertilizantes, graças ao reaproveitamento da vinhaça, um subproduto do etanol. Esse resíduo, que quando descartado inadequadamente pode causar danos ao meio ambiente por poluir lençóis freáticos, tem recebido destinação nobre na usina graças ao emprego da fertirrigação. A técnica, que consiste na aplicação de vinhaça no canal representando economia de água para irrigação – principalmente no período de seca. Por sua alta concentração de potássio e nitrogênio, a vinhaça também diminui a necessidade de adubos químicos na plantação. A medida aumenta o teor de matéria orgânica e, conseqüentemente, a fertilidade do solo. Atualmente, a Jalles Machado pratica a fertirrigação em 15.200 hectares e planeja estender a técnica a outros 10 mil hectares. A medida tem impacto positivo sobre as contas da empresa, diminuindo os gastos envolvidos na produção. “Os projetos que realizamos na busca do desenvolvimento sustentável proporcionam ganho econômico devido ao uso consciente dos recursos naturais e ao reaproveitamento de resíduos”, diz Otávio Lage de Siqueira Filho, diretor.

A empresa também é pioneira na comercialização de créditos de carbono no Brasil. Através de um projeto de geração de eletricidade a partir do bagaço da cana-de-açúcar – uma forma renovável de energia – entre 2001 e 2007 a empresa evitou o lançamento de mais de 65 mil toneladas de CO2 na atmosfera. Até 2014, a previsão da Jalles Machado é reduzir em 135 mil toneladas a emissão do gás. Todo o crédito gerado no período de 2001 a 2014 com a redução nas emissões tem contrato de comercialização assinado com o governo da Holanda. Além de dispensar a produção de energia por fontes poluentes, como as derivadas do petróleo, e mitigar os efeitos do aquecimento global, a iniciativa cria uma nova alternativa de receitas para o setor e desenvolve uma vantagem competitiva para a empresa. “O pioneirismo de nosso sistema de cogeração nos diferencia das mais de 450 usinas em operação no Brasil, onde a grande maioria só produz energia para o consumo interno, usando equipamentos de baixa eficiência”, afirma o engenheiro químico Ivan Zanatta, da equipe do Sistema de Gestão

Novo modelo econômico pressupõe eficiência de produção, economia de energia e de matérias-primas, aliado à tecnologia de ponta



DAGO PAULO R

Preservar espécies nativas do Cerrado está entre os desafios dos estados cujas áreas integram esse importante bioma

Integrada da Jalles Machado. “Além disso, projetos ecologicamente corretos agregam valor à nossa estratégia de marketing, pois demonstram a seriedade da empresa em sua relação com o meio ambiente”, diz.

Outra empresa que também se adiantou ao processo foi a Pontal Engenharia. Ciente de que 55% de todo o conteúdo do aterro sanitário de Goiânia é gerado pela indústria da construção, a empresa criou o projeto Produção Mais Limpa e Sustentável com Resíduo Zero, com a meta de reduzir o descarte de materiais empregados em seus empreendimentos. Enquanto uma indústria convencional do segmento gera 150 quilos de resíduos para cada metro quadrado de área construída, a Pontal reduziu essa quantidade a 22 quilos. As sobras, por sua vez, passam por um processo de reciclagem dentro do próprio canteiro de obras. “Graças a esse reaproveitamento, reduzimos os custos de produção, chegando a consumir 20% menos de areia e brita empregadas nos acabamentos”, diz o diretor da construtora, Ricardo Mortari Faria. “Não trabalhamos com caçambas de

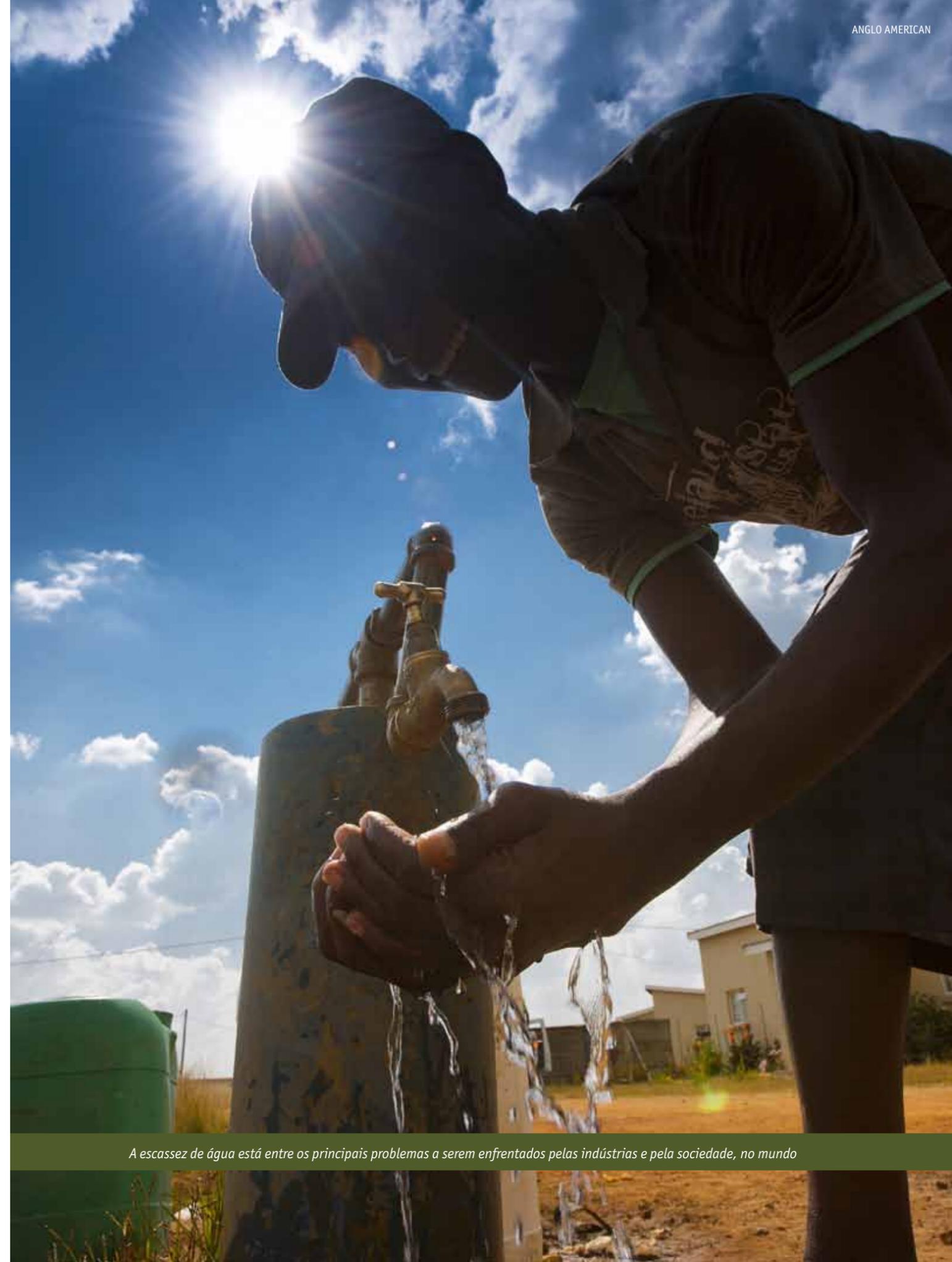
entulho, porque tudo é reciclado”, acrescenta. A eficiência no sistema de gestão leva a empresa a projetar um crescimento de até 150% nos próximos três anos. “Estamos mostrando que a sustentabilidade é viável e que todas as partes ganham com ela: o meio ambiente; a população, cujo aterro sanitário terá maior vida útil; nosso cliente, que ganha com a evolução do processo construtivo; e a empresa, que consegue aumentar sua eficiência e reduzir custos”, diz Faria.

Biodiversidade - Apesar de ser uma ferramenta preciosa, a gestão dita ecoeficiente não conseguirá resolver sozinha o desafio da sustentabilidade. Um dos sinais disso é que, atualmente, produzir cada unidade de PIB custa 40% menos energia do que era necessário em 1980. Ainda assim, por causa do crescimento da população mundial e da elevação dos padrões de consumo, o uso de recursos naturais cresceu 36% no mesmo período. “Mesmo com uma maior eficiência, as contas não fecham”, disse Ricardo Abramovay, da USP, durante a convenção Goiás Rumo à Rio+20. Segundo ele, atualmente, cada ser

humano consome em média 9 toneladas de materiais ao longo de sua vida. Porém, conforme diminui a oferta de recursos naturais, esse consumo teria de ser reduzido a 6 toneladas em 2050.

Os especialistas defendem que a economia dita ecoeficiente também tem como característica uma forma inovadora de encarar a natureza, não como um estoque de matérias-primas a serem exploradas, mas como um tesouro de biodiversidade. A flora e fauna brasileiras, por exemplo, são vistas pelas indústrias multinacionais como um enorme laboratório para a pesquisa de novos ingredientes para seus produtos. Nas próximas décadas, esse banco de dados natural, por si só, representará uma fortuna num planeta com recursos naturais cada vez mais escassos.

É nesta linha que se dá a participação do Governo de Goiás na Rio+20. Uma das principais contribuições do Estado é a Carta do Cerrado. O documento, elaborado em parceria com os demais estados que compõem a região, prevê a valorização desse bioma e seu reconhecimento como patrimônio nacional.



A escassez de água está entre os principais problemas a serem enfrentados pelas indústrias e pela sociedade, no mundo



“O Cerrado responde por um terço da biodiversidade brasileira, que é e será a fonte de novos medicamentos, novos alimentos e novos materiais que substituirão os que se esgotarem. E como a biodiversidade brasileira corresponde a pelo menos 15% da biodiversidade planetária, isso quer dizer que o Cerrado concentra pelo menos 5% da diversidade biológica do planeta”, afirma o governador de Goiás, Marconi Perillo.

Para proteger esse patrimônio, o governo está investindo na desapropriação de terras para criar novas unidades de conservação, com a retomada da cobrança de compensação ambiental por grandes investimentos econômicos feitos no Estado, informou Perillo. Só neste ano, os recursos obtidos por esse expediente chegaram a R\$ 68,5 milhões, os quais estão destinados à criação de áreas de conservação ambiental. Segundo o governo estadual, a meta é dobrar de 11 para 22, até 2014, o número de unidades de conservação ambiental em Goiás.

Origem - As empresas também deverão incluir em sua pauta a preservação da biodiversidade. Foi o que mostrou a pesquisa Barômetro da Biodiversidade, que ouviu oito mil pessoas em oito países a pedido da União para o BioComércio Ético (UEBT, na sigla em inglês). Segundo a pesquisa, consumidores brasileiros são os que mais conhecem o

Empresas deverão incluir em sua pauta a preservação da biodiversidade, segundo pesquisa que ouviu oito mil pessoas em oito países

conceito de biodiversidade. “Quando solicitados a definir esse termo técnico, 46%, ou quase um em cada dois consumidores sabe exatamente do que se trata”, diz Cristiane de Moraes, representante da UEBT no Brasil. Por isso mesmo, cerca de 70% dos brasileiros entrevistados afirmaram que a origem ética dos componentes naturais de um produto interfere na sua decisão de compra. Outros 69% disseram que deixariam de comprar cosméticos de uma empresa que agisse de forma antiética com as comunidades que fornecem esses ingredientes. No caso da indústria de alimentos e bebidas, 67% dos entrevistados

gostariam de ser melhor informados sobre a origem dos ingredientes naturais desses produtos e 61% rejeitariam aqueles com origem duvidosa.

De acordo com Elaine Lopes Farinelli, assessora técnica do Conselho de Meio Ambiente da Federação das Indústrias de Goiás (Fieg), o segmento da sociedade que mais tem contribuído para os avanços na adoção de práticas sustentáveis no Brasil é a indústria. Ela acredita que os empresários terão papel decisivo na proposição de medidas que ajudarão a preservar o patrimônio natural brasileiro. “Em minha opinião, a grande contribuição que o setor produtivo pode dar está relacionada à redução do desmatamento, seja para a obtenção de lenha ou carvão, além de soluções para uma melhor gestão dos recursos hídricos, com um consumo mais racional de água”, pontua.

Para Ricardo Faria, da Pontal Engenharia, o consumidor será o grande disparador das mudanças que vão fazer a indústria se adaptar a um novo modelo de economia. “A partir do momento em que o consumidor não se preocupa apenas com o bolso e coloca na balança se a comunidade e o meio ambiente também estão ganhando com suas decisões de compra, os critérios para escolher uma empresa ou um produto mudam, forçando a indústria a se adequar às novas exigências”, diz.

O que é desenvolvimento sustentável

A definição mais aceita é a de que se trata do desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das gerações futuras.

Fatores condicionantes à sustentabilidade

A sustentabilidade é um conceito sistêmico que integra aspectos econômicos, sociais e ambientais. O grande desafio contido nesse conceito é manter esses três eixos em constante equilíbrio. A sustentabilidade abrange vários níveis de organização, desde a vizinhança local até o planeta inteiro.

Como alcançar o desenvolvimento sustentável

Por meio de planejamento e do reconhecimento de que os recursos naturais são finitos. Trata-se de uma nova forma de promover o desenvolvimento econômico, levando em conta o meio ambiente e a necessidade de reduzir o uso de matérias-primas e produtos e aumentar a reutilização e a reciclagem.

Por que não repetir o modelo de desenvolvimento convencional

O desenvolvimento econômico é vital para os países mais pobres, mas o caminho a seguir não pode ser o mesmo adotado pelos países desenvolvidos. Se os países pobres copiassem os padrões de produção e consumo dos países ricos, o consumo de combustíveis fósseis seria multiplicado por 10 e o de recursos minerais aumentaria 200 vezes.

Fonte: adaptado da ONG WWF-Brasil



A gente investe naquilo que tem o maior valor.
E que proporciona o melhor retorno.
A gente investe nas pessoas.



Muito mais do que investir no níquel, a Votorantim Metais Unidade Niquelândia investe nas pessoas. Através de diversos projetos de responsabilidade social, revelamos aquilo que elas têm de melhor. Um bom exemplo disso é o Empreender, projeto que impulsiona empreendedores com idade entre 18 e 29 anos, capacitando-os para gerir de forma mais eficiente os seus negócios. Além dele, através do Instituto Votorantim e do BNDES, nossa unidade desenvolve o Programa ReDes, que tem por objetivo implementar projetos de geração de trabalho e renda por meio do fomento de cadeias produtivas e qualificação profissional. Investindo em nossa gente, investimos no que há de mais precioso. E garantimos retorno não apenas para nós, mas para todos aqueles que nos cercam.

 **Votorantim**
Metais



Economia verde: O futuro começa agora

Por Ronaldo de Oliveira Dorta

Os gestores sabem da importância do ato de planejar. Conhecer a realidade, compreender as mudanças, prever cenários futuros através dos “sinais” que nos são apresentados, estabelecer objetivos e propor metodologias e estratégias para se atingir esses objetivos são alguns dos passos a serem trilhados para um bom planejamento e uma boa tomada de decisão.

No passado, os “sinais” considerados pelos planejadores baseavam-se especialmente nos aspectos econômicos, já que a percepção do mundo era mais restrita e poucas informações estavam disponíveis. Nas últimas décadas, as transformações nas relações sociais e também nas relações de trabalho e de consumo, a crise ambiental e o processo de globalização da economia contribuíram para que novos parâmetros fossem considerados pelos planejadores e tomadores de decisão.

Por volta da década de 1950, houve a incorporação da dimensão social nos projetos de desenvolvimento, o que resultou na adoção de práticas que possibilitaram conquistas na área de bem-estar social para os trabalhadores.

Mais recentemente, a partir da década de 1970, a crise ambiental motivou a realização de reuniões promovidas pela Organização das Nações Unidas (ONU), sendo que o principal foco das discussões foi a capacidade de suporte do planeta frente ao consumo desenfreado e as consequências desse padrão de consumo para a qualidade de vida no planeta. A partir daquele momento, iniciaram-se as discussões em torno da adoção, pelas empresas, de práticas responsáveis em relação ao meio ambiente, definindo-se responsabilidades para os empresários e para os consumidores, o que exigiu dos gestores a incorporação de novos parâmetros como orientadores do processo de planejamento.

Especialmente no ano de 1987, a divulgação do relatório Brundtland, documento elaborado pela Comissão Mundial Sobre o

“ *Dispositivos legais para a incorporação da dimensão socioambiental nos projetos de desenvolvimento foram criados nas últimas décadas* ”

Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU, apresentou o conceito de desenvolvimento sustentável como sendo “aquele que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas necessidades”. A partir daquele momento, ficou clara a necessidade de se considerar a dimensão socioambiental para os novos projetos de desenvolvimento. Esse modelo, apoiado em políticas conservacionistas, defende a utilização dos recursos de forma racional e eficiente.

Em 1992, no encontro Rio 92, vários acordos e programas foram propostos, entre eles a Convenção da Biodiversidade, a Convenção das Mudanças Climáticas e a Agenda 21. Em síntese, os resultados desse encontro orientaram para a adoção de programas de ação para viabilizar o modelo de desenvolvimento sustentável.

No Brasil, vários dispositivos legais para a incorporação da dimensão socioambiental nos projetos de desenvolvimento foram criados nas últimas décadas. É o caso da Política Nacional do Meio Ambiente, que tem como um dos principais objetivos assegurar condições ao desenvolvimento socioeconômico a partir do foco sobre o meio ambiente; a lei dos crimes ambientais, que define sanções penais e administrativas para condutas e atividades lesivas ao meio ambiente; a Política Nacional dos Resíduos Sólidos, que apresenta os princípios, os objetivos e as diretrizes para o gerenciamento dos resíduos sólidos e perigosos, definindo responsabilidades para as pessoas físicas e jurídicas quanto ao destino desses materiais.

Mais recentemente, em 2010, o relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) apresentou o conceito de economia verde que propõe as seguintes diretrizes básicas: diminuição das desigualdades sociais, melhoria da condição de vida das populações humanas e diminuição da pegada ecológica (redução da pressão exercida pelo atual padrão do consumo). A economia verde representa um avanço em direção ao desenvolvimento sustentável, já que estabelece os princípios, os objetivos e reforça discussões que vêm sendo conduzidas desde os primeiros encontros organizados pela ONU para debater os problemas ambientais e o futuro da humanidade.

Boa parte dos princípios, objetivos e dispositivos legais para o estabelecimento de um modelo de desenvolvimento sustentável que contemple as dimensões social, ambiental e econômica já existem e o nosso desafio atual é promover o diálogo entre os diferentes grupos de interesse para que esse conjunto de informações seja considerado como norteador das ações dos planejadores e dos tomadores de decisão visando alcançar o desenvolvimento sustentável.

A próxima etapa desse processo vem com a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20. Todos nós, planejadores ou tomadores de decisão não podemos deixar de acompanhar as discussões e considerar os resultados desse importante encontro, que deverá orientar os rumos do desenvolvimento sustentável para as próximas décadas.

Terra: casa de todos nós

A Rio+20 debate com empresas, governos e sociedade civil organizada um novo modelo de desenvolvimento, com sustentabilidade.

A comunicação é fundamental nesse processo de educação, mudança de valores e conscientização quanto ao uso e conservação dos recursos naturais no planeta.

Participe! Comunique-se!

Ronaldo de Oliveira Dorta (r-dorta@uol.com.br) é coordenador do curso de Tecnologia em Gestão Ambiental da Faculdade Senac Goiás

magrela 
COMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

www.magrelacomunicacao.com.br

ONZê 
COMUNICAÇÃO MULTIMÍDIA

www.onzecomunicacao.com.br

SínteseCom
SÍNTESE COMUNICAÇÃO

www.sintese.com.br



Gestão da bacia do Paranaíba

Terminou em 1º de junho a segunda etapa de consulta pública para a construção do Plano de Recursos Hídricos da Bacia Hidrográfica do Rio Paranaíba. Foram nove encontros para analisar propostas sobre o gerenciamento da bacia. O plano prevê a cobrança do uso da água na região, que abrange os estados de Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais, e onde se concentram 30% da demanda nacional por água, mas que possui menos do que 7% da disponibilidade hídrica do Brasil. Nos limites da bacia encontram-se indústrias, diversificada atividade agropecuária, agroindústrias, cidades com grande densidade demográfica e potencial de crescimento, cujas atividades terão relação direta com potenciais impactos qualitativos e quantitativos na região.

Revista CORES - O que muda com o plano? Ele traçará as linhas que servirão de diretriz para a gestão da bacia, visando o melhor aproveitamento de seus recursos hídricos. A região terá um crescimento populacional, agrícola e industrial bastante expressivo nos próximos anos (é a região da vez), e o plano ajudará os entes envolvidos (município, estado, empresas) a definirem melhor as políticas públicas e setoriais, garantindo o uso democratizado dos recursos. Todos terão que fazer a sua parte para a preservação da bacia – Nilo André Bernardi Filho, secretário do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Paranaíba e representante da Federação das Indústrias de Minas Gerais (Fiemg).

Profissões na área ambiental estão em alta

As empresas brasileiras têm encontrado dificuldade para preencher vagas de trabalho na área ambiental por falta de profissionais. Consultores de recrutamento e seleção alegam que o mercado cresceu rapidamente e não deu tempo de formar pessoas. Diversos setores do país ficaram muito tempo abandonados e hoje estão em fase de crescimento expressivo. Com isso, faltam profissionais para trabalhar. Uma das principais carreiras do segmento da sustentabilidade com carência de profissionais é a de meio ambiente. “Enquanto não surge qualificação específica, as vagas disponíveis têm sido ocupadas por geógrafos, que durante muito tempo ficaram apenas nas salas de aula”, disse Leonardo Muniz, da consultoria Michael Page.

Outra área carente é a de energia, onde o problema está associado ao fato do setor pedir uma formação muito específica, que tem se agravado com o avanço da tecnologia.

I Fórum ODM em Goiás

Mais de 80 pessoas participaram do I Fórum dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) em Goiás, realizado na Associação Comercial e Industrial do Estado de Goiás (Acieg), em 17 de maio. Entidades do terceiro setor, instituições públicas e empresas privadas da Capital e do interior conheceram melhor as metas instituídas internacionalmente para um mundo mais justo e igualitário.

Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio sugeriram com a Declaração do Milênio, aprovada pelas Nações Unidas em 2000. O Brasil, em conjunto com 191 países-membros da ONU, assinou o pacto que estabelece o compromisso de se atingir 8 objetivos até 2015, resumidos em: 1- Acabar com a fome e a miséria; 2- Erradicar o analfabetismo; 3- Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres; 4- Reduzir a mortalidade infantil; 5- Melhorar a saúde das gestantes; 6- Combater a AIDS, a malária e outras doenças; 7- Garantir a sustentabilidade ambiental e 8- Promover uma parceria mundial pelo desenvolvimento.

Responsabilidade social dá prêmio

Estão abertas até 31 de julho as inscrições para o Prêmio Sesi de Qualidade no Trabalho (PSQT). A iniciativa se traduz num reconhecimento público às empresas industriais brasileiras por suas práticas de gestão e valorização de seus colaboradores. Pioneira no setor, a premiação visa despertar empregados e empregadores para o exercício da cidadania nas relações de trabalho, além de estimular as empresas para que incorporem a responsabilidade social em suas estratégias de negócio. Podem concorrer iniciativas relacionadas a cultura organizacional; gestão de pessoas; educação e desenvolvimento; ambiente de trabalho seguro e saudável; inovação e desenvolvimento socioambiental. Mais informações no site www.sesi.org.br/psqt.

Capacitação e inclusão profissional

O Fórum de Inclusão no Mercado de Trabalho da Pessoa com Deficiência e do Reabilitado do INSS, criado em 2011, está divulgando a abertura de cursos de capacitação profissional. As aulas, oferecidas pelo Senai Goiás, serão ministradas em turmas inclusivas (abertas a pessoas com deficiência e à comunidade em geral) e turmas exclusivas, com participação restrita às pessoas com deficiência. Há cursos para assistente administrativo; auxiliar em processo de produção e alimentador para linha de produção (em Anápolis). Mais informações podem ser obtidas pelo fone (62) 3219-1493. Segundo Censo de 2010, do IBGE, há 45,6 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência no Brasil.

Atuação de Goiás em campanha rende homenagem



O núcleo do movimento Nós Podemos Goiás foi homenageado pelo governo federal e pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) por suas ações no Estado. Na foto, a secretária executiva, Dora Rodrigues, e o coordenador Alexsandro Lima, quando recebiam a homenagem entregue pelo diretor presidente da Escola Nacional de Administração Pública (ENAP), Paulo Carvalho.



As condições impostas a Goiás para crescer com sustentabilidade

WAGNAS CABRAL

ENTREVISTA

MARCONI PERILLO – GOVERNADOR DE GOIÁS

A realização da Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, objetiva estabelecer as principais diretrizes para orientar o desenvolvimento sustentável pelos próximos vinte anos. Nesta entrevista, o governador Marconi Perillo faz um relato das ações de seu governo e destaca as medidas que foram e que estão sendo tomadas, principalmente na área ambiental e dos recursos hídricos para dotar Goiás das condições necessárias ao desenvolvimento de sua economia, sob os auspícios de mudanças que preconizam um novo modelo de crescimento.

Como será a participação de Goiás na Rio+20?

Participaremos da Rio+20 de forma afirmativa, propositiva e efetivamente contributiva para encontrar caminhos que matizem em nossas ações a defesa da vida em sua plenitude, melhorando as relações socioeconômicas e a qualidade da relação homem-natureza. A Rio+20 discutirá como implantar um novo modelo de economia, que poupe recursos, valorize recursos, reduza impactos – ao mesmo em que a governança sustentável tentará ver como fazer para que um bilhão de pessoas deixem de passar fome, 40% da humanidade deixe de viver na chamada linha de pobreza. Serão discussões difíceis, que partem do pressuposto de que teremos de adaptar nossos modos de viver às possibilidades do planeta.



Marconi Perillo: "Participaremos da Rio+20 de forma afirmativa, propositiva e efetivamente contributiva"

Que passos Goiás tem dado no sentido de fomentar uma economia sustentável?

Estamos nos esforçando para fazer a nossa parte nessa área do meio ambiente, dos recursos naturais e do consumo. Por meio da Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos, retomamos, por exemplo, a criação dos comitês de bacias hidrográficas, que reúnem representantes de poder público, do setor privado e da sociedade, para gerenciar os recursos hídricos dos nossos principais rios. Reativamos o Comitê da Bacia do Rio Meia Ponte e criamos os comitês dos rios Vermelho, Turvo, dos Bois, Baixo Paranaíba, Corumbá e São Marcos. Esperamos cobrir todo o Estado até o final de 2014. É um caminho que começou a ser experimentado com muito êxito em Minas Gerais e que paga aos produtores rurais pela conservação de nascentes e cursos d'água. E que já começou aqui pelo Sudoeste goiano. É decisivo nestes tempos em que a própria ONU fala tanto da crise da água e quando a Agência Nacional de Águas diz que todas as bacias brasileiras, do Nordeste ao Sul, estão em situação crítica. Com a criação do Parque João Leite,

Rio+20: “Serão discussões difíceis, que partem do pressuposto de que teremos de adaptar nossos modos de viver às possibilidades do planeta”

ampliamos a defesa da área do lago da barragem do Ribeirão João Leite, que abastecerá um terço da população do Estado. É indispensável essa proteção. Sem ela, com práticas indesejáveis na bacia, o custo da água subirá muito e prejudicará a população. O Programa Compensar Ambiental é uma ação inédita no País, com o objetivo de

minimizar o impacto ambiental de ações do governo e outras que compensem esse impacto – as quais vão do plantio de árvores à criação de áreas de proteção permanente; da redução no consumo de água e energia elétrica à gestão do lixo.

Que resultados foram obtidos até o momento?

As ações de fiscalização do governo cresceram muito, com várias operações em rios, embargo de desmatamentos, fechamento de carvoarias. E tudo acompanhado por campanhas educativas. Estamos investindo na desapropriação de terras para criar novas unidades de conservação. Retomamos a cobrança de compensação ambiental para grandes investimentos econômicos – o que representa 0,5% dos investimentos aplicados no Estado. Em 2012, os recursos obtidos por essa fonte já somaram 68,5 milhões de reais, que se destinarão a essas áreas de conservação, ações de prevenção e combate a incêndios, realização de planos de manejo. A meta é dobrar de 11 para 22, até 2014, o número de unidades de conservação no Estado.

O Rio Araguaia está sob pressão cada vez maior do turismo. Como explorar o potencial econômico desse rico patrimônio natural sem comprometê-lo?

Aumentando a conscientização das pessoas que moram nas margens, têm ou exploram propriedades ali e visitam o rio, e sobre a riqueza dele e a necessidade de preservá-lo. Mostrando também que o Rio Araguaia é de fundamental importância para o vigor do ecossistema de Goiás e da região Centro-Oeste como um todo.

O que o Estado está fazendo para mudar a situação das nascentes dos rios goianos afetadas pelo desmatamento?

Estamos desenvolvendo políticas que priorizam a preservação dos nossos mananciais hídricos. E estamos fazendo isso buscando a parceria de municípios, de fazendeiros, de ONGs e da sociedade organizada. Acredito que assim vamos empreender um trabalho realmente conscientizador e realizador na busca da preservação, principalmente de nossas nascentes.

A pecuária, importante atividade econômica goiana, é apontada como uma das maiores responsáveis pela contribuição brasileira ao aquecimento global. Que ações Goiás e seus produtores poderiam adotar para compensar sua parcela de responsabilidade nesse quadro?

Nosso governo tem essa preocupação, também. O Cerrado, no seu conjunto, responde por um terço da biodiversidade brasileira, que é e será a fonte de novos medicamentos, novos alimentos, novos materiais que substituirão os que se esgotarem. E como a biodiversidade brasileira corresponde a, pelo menos, 15% da biodiversidade planetária, isso quer dizer que o Cerrado tem pelo menos 5% da diversidade biológica do planeta. Mas nós já desmatamos no Brasil quase a metade do Cerrado. O Cerrado está em praticamente 50% do território goiano. E eu tenho repetido que não é preciso desmatar mais por aqui. Que temos área suficiente desmatada para expandir nossa produção agropecuária – se formos competentes. Um dos caminhos está na recuperação de pastagens, já que em nossas negociações com o Fundo do Centro-Oeste está registrado que de 50% a 70% das pastagens goianas estão degradadas. Além de recuperar pastagens, devemos trabalhar mais com a criação confinada de gado, que ocupa menos recursos e é



Parceria com municípios, ONGs e sociedade civil é fundamental para preservar rios, como o Araguaia

mais rentável – além de contribuir para reduzir as emissões de metano, uma fonte mencionada com destaque nos relatórios internacionais sobre o clima. E que é um caminho que os próprios pecuaristas preconizam a cada dia mais.

O que o Cerrado ainda poderá nos oferecer?

A preservação da biodiversidade do Cerrado pode ser fundamental em várias áreas. Uma delas é na produção de medicamentos derivados de plantas – fundamental para um estado que avança muito na produção de medicamentos. Os técnicos dizem que o comércio mundial

de medicamentos derivados de plantas chega a pelo menos 250 bilhões de dólares por ano no mercado mundial. E o Brasil quase não participa desse mercado. A preservação dos recursos naturais do Cerrado é crucial para o desenvolvimento da chamada economia sustentável. A própria redução do nível de pastagens degradadas pode abrir caminho para o avanço na geração de combustíveis derivados das biomassas, que substituirão os chamados combustíveis fósseis – petróleo, carvão, gás –, responsáveis por grande parte da poluição do ar no mundo. Pode ser assim com o etanol da cana-de-açúcar, com o pinhão manso, com a mamona, a soja e muitas outras fontes. Caminhos como esse podem contribuir muito para agregar renda às pequenas propriedades e aumentar sua produtividade, visto que são importantes não apenas por seu caráter social, mas também economicamente.

Como o Estado pode contribuir com os municípios no cumprimento da Política Nacional de Resíduos Sólidos?

Nossas secretarias das Cidades e do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos têm desenvolvido projetos, em parceria com os municípios, com o intuito de dotar nossas cidades das condições de gerir com eficiência e qualidade os resíduos sólidos, promovendo a coleta seletiva e buscando a reciclagem.

“Reativamos o Comitê da Bacia do Rio Meia Ponte e criamos os comitês dos rios Vermelho, Turvo, dos Bois, Baixo Paranaíba, Corumbá e São Marcos. Esperamos cobrir todo o Estado até o final de 2014”



Criação de parque amplia defesa da área do lago da barragem do Ribeirão João Leite, que abastecerá um terço da população do Estado



LAILSON DAMÁSIO

Marconi Perillo: “Além de recuperar pastagens, devemos trabalhar com a criação confinada de gado, que ocupa menos recursos e é mais rentável”

O PIB goiano vem se aproximando do topo da lista das maiores economias do País. Que obras infraestruturais têm sido feitas e serão necessárias para que esse crescimento seja sustentável?

Estamos melhorando as condições das nossas estradas, e isso é fundamental para o escoamento da nossa produção agropecuária e industrial. Recuperamos mais de 500 quilômetros no ano passado e vamos recuperar mais 2 mil quilômetros este ano. Estamos investindo 2 bilhões de reais em saneamento básico. Destravamos a questão da Celg, que agora, com a Eletrobrás, terá condições de investir em subestações e

“Não é preciso desmatar mais por aqui. Temos área suficiente desmatada para expandir nossa produção agropecuária – se formos competentes. Um dos caminhos está na recuperação de pastagens”

linhas de transmissão. Já temos a garantia de investimentos da ordem de 1 bilhão de reais nos próximos cinco anos. As obras do novo aeroporto de Goiânia estão projetadas para serem concluídas em pouco mais de um ano. A Ferrovia Norte-Sul está chegando e em seguida teremos os ramais Sul, o Oeste-Leste e o que vai sair dela e irá até Rondônia.

Um dos programas sociais mais promissores de seu governo é o Bolsa Futuro, que dá um passo adiante em relação aos projetos assistenciais tradicionais ao investir na capacitação profissional de jovens trabalhadores. Que resultados já foram alcançados e ainda se espera alcançar com essa iniciativa?

Realmente, é um programa muito bom, desenvolvido pela Secretaria de Ciência e Tecnologia e que tem se espalhado com eficiência e qualidade

“Os resultados do Bolsa Futuro são muito positivos, por abrangerem milhares de pessoas”

por todas as regiões de Goiás. Tem o condão de preparar melhor e qualificar nossos jovens e adultos para novos enfrentamentos na vida laboral. Os resultados são muito positivos, por abrangerem milhares de pessoas. Outros programas de grande alcance social estão sendo realizados por meio da OVG, que desenvolve um trabalho consistente de atendimento à população mais carente de Goiás.

À luz das discussões suscitadas pela Rio+20, como o senhor espera que seu mandato seja lembrado daqui a alguns anos?

Estou me esforçando para fazer o melhor governo de Goiás, de todos os tempos. Quero ser lembrado como um governante que contribuiu e realizou políticas que preservam a natureza existente, recuperam o máximo possível do ecossistema e primam pelo desenvolvimento sustentável.



LAILSON DAMÁSIO

Marconi Perillo: “O Bolsa Futuro tem o condão de preparar e qualificar nossos jovens e adultos para novos enfrentamentos na vida laboral”

Empresa investe na educação de colaboradores e da comunidade

Diminuir a evasão escolar entre os jovens e valorizar o espírito de cidadania na comunidade está entre as conquistas do Aprendendo com Você, que completa 14 anos

Em 1998, a Caramuru Alimentos adotou a Escola Municipal Alexandre Arcipretti. Em 2002, foi a vez da Escola Municipal Vinícius de Aquino Ramos, em Itumbiara-GO. Nos dois casos, as escolas foram beneficiadas com a recuperação de sua estrutura física, a oferta de recursos materiais e a mobilização de colaboradores internos, atuando como voluntários, em atividades que dão suporte ao ensino. Todas essas ações fizeram parte do projeto Aprendendo com Você, que em 2012 completa 14 anos.

Nesse período, as escolas passaram por reformas e ganharam salas de informática. O projeto também fomentou um clima de motivação entre os jovens, ao criar programa com diversas atividades interativas, como aulas de dança, capoeira, jiu-jitsu e música. Ao todo, o projeto envolve 74 educadores e 110 voluntários; 928 é o número de alunos atingidos com a ação. Para participar das atividades extracurriculares, eles devem comprovar um mínimo de 75% de frequência, notas acima da média e bom comportamento em sala de aula.

Resultados - Entre os resultados alcançados desde a implantação do projeto destacam-se a redução da evasão escolar, a mudança positiva no comportamento dos alunos, maior disposição dos professores - proporcionada pelos cursos de capacitação que lhes são oferecidos -, e o fortalecimento do espírito de cidadania e coletividade que atinge a todos os que fazem parte do processo.

Alunos matriculados nas duas escolas municipais apoiadas pela Caramuru tiveram a oportunidade de viver o esporte, por meio do projeto Atletas do Futuro, realizado em parceria com o Serviço Social da Indústria (Sesi), e que oferece atividades esportivas, como futebol e vôlei.

O Aprendendo com Você expressa o desejo do presidente da empresa, Alberto Borges de Souza de investir no



Jovens de escolas públicas apoiadas pela empresa têm a oportunidade de vivenciar a música

desenvolvimento cultural e na educação, com projetos de recuperação física e funcional de escolas municipais, consciente da importância de contribuir para um Brasil melhor, visando a qualidade de vida das comunidades onde a empresa atua, além de motivar os seus dirigentes e colaboradores no trabalho como voluntários.

Capacitação - Um bom exemplo das ações da Caramuru é a erradicação do analfabetismo de seus quadros. Desde 1991 a companhia trabalha no desenvolvimento de condições, treinabilidade e empregabilidade de seus colaboradores, introduzindo curso interno de alfabetização de adultos; implantando cursos de suplência, nos moldes do ensino oficial, ministrados por professores treinados pelos órgãos governamentais e introduzindo o Telecurso do Primeiro Grau para alunos de 5ª a 8ª séries. O resultado dessas ações já beneficiou 445 trabalhadores.

Hoje, a empresa oferece cursos de informática, ampliando o suporte e apoio aos que querem se profissionalizar.

“A capacitação dos colaboradores reflete na produtividade e competitividade da empresa e assegura o cumprimento da responsabilidade social que, no caso da Caramuru, está incorporada aos nossos valores e à gestão do negócio”, diz Alberto Borges de Souza.

Espírito cívico move projeto voluntário

Ao comemorar 14 anos, o Aprendendo com Você capitaliza a participação de 74 educadores e 110 voluntários, que atuam em benefício de 928 alunos de escolas públicas em Itumbiara-GO. As mudanças positivas no comportamento dos jovens alimenta o espírito de cidadania que atinge a todos que fazem parte do projeto.

Casa que encerra conceito de sustentabilidade é atração em evento

4ª Semana de Meio Ambiente promovida pelo Flamboyant, com o tema Eu Cuido - Soluções Sustentáveis apresenta casa ecologicamente correta

O Grupo Flamboyant intensifica suas ações de educação ambiental com a realização da 4ª Semana de Meio Ambiente, que este ano mostra uma casa concebida segundo conceitos de sustentabilidade construtiva. Para tanto, mobilizou parceiros que atuam no segmento da construção civil e juntos criaram uma “casa conceito”, que empregou tecnologias tidas como ambientalmente “amigáveis”.

A casa tem uma área de 56m², é dividida em cinco ambientes – sala, varanda, cozinha, quarto e banheiro – e foi projetada para inspirar, provocar questionamentos e reflexões sobre como as soluções sustentáveis podem estar presentes no cotidiano das pessoas, interferindo positivamente em conforto, economia e qualidade de vida.

Exemplos de reaproveitamento estão presentes em todos os ambientes. Nas paredes foram utilizados tijolos ecológicos fabricados a partir de insumos como terra, resíduos da construção civil e apenas 10% de cimento. Na sustentação de colunas, empregou-se aço recuperado de demolições e concreto originado da mistura de telhas, mármore, cimento e brita retirados de entulhos e moídos. Internamente, a “casa conceito” traz piso de madeira de reflorestamento e demolição, sendo esta última encontrada nas portas, janelas e telhado. A opção para a área externa foi por piso drenante, feito de resíduos reciclados. As telhas alternativas, produzidas num processo que associa embalagem e saquinhos de balinha feitos de alumínio e papel, dão leveza e segurança ao telhado. Em comparação às telhas convencionais, a técnica oferece vantagens na temperatura do ambiente.

No quesito consumo de energia, a alternativa é a captação de energia solar. O reuso de água, que já é tendência nas grandes metrópoles brasileiras, está presente no projeto, que contemplou reaproveitamento de água da chuva e da que é consumida dentro da casa, no banho e na pia.

Além de popularizar soluções



Casa feita com materiais descartados chama a atenção para a questão da preservação ambiental

sustentáveis no segmento da construção civil, a casa mostrou que hoje, investir num projeto ambientalmente correto é mais barato em comparação ao convencional. “O custo final de uma casa nessas proporções é de aproximadamente R\$ 35 mil”, diz Adeline Manso, coordenadora geral do Instituto Flamboyant.

Palestras com autoridades no assunto chamaram a atenção do público. Na abertura do evento, dia 1º de junho, o arquiteto e paisagista alemão Uli Zens abordou a utilização do paisagismo para melhorar a qualidade do ar nas cidades, diminuir as alterações climáticas e promover sistemas multifuncionais de vegetação a partir de projetos que realizou na Arábia Saudita, Brasil e Alemanha.

O produtor cultural Christiano Verano, que coordena o projeto Lixo Ritmado Baturipe Reciclado, realizou ação especial com crianças de escolas convidadas, por meio da música e da dança, utilizando instrumentos confeccionados a partir de materiais recicláveis. Encerrando a programação, os professores

Antônio Pasqualetto, da PUC Goiás e Renato de Melo Rocha, da UnB falaram sobre planejamento urbano e ambiental, ampliação das unidades de conservação, preservação das nascentes e investimentos em transporte público e ciclovias.

No evento foram distribuídas mudas de árvores e feito o recolhimento de sucata eletrônica, pilhas e baterias.

Destaques da “casa conceito”

A casa inspirada nos conceitos de sustentabilidade utilizou tijolo ecológico, telha sustentável, piso drenante, madeira de demolição, mobiliário em madeira certificada e bambu, e recursos para a economia de energia, por meio da reutilização de água da chuva. Custo de construção: R\$ 35 mil, aproximadamente.

Política de relacionamento envolve moradores

Mineradora cria Centro de Preservação Ecológica e leva educação ambiental a alunos de escolas locais e visitantes interessados em conhecer o bioma Cerrado



Centro de Preservação Ecológica mantém viveiro com espécies da fauna e flora e cria espaço para a educação ambiental

Utilizar os recursos naturais com consciência e responsabilidade está no discurso e nas condutas adotadas pela mineração Serra Grande, baseada em Crixás-GO, que assumiu com a comunidade local o compromisso de buscar alternativas para a utilização desses recursos.

A empresa abriu canais de comunicação para apresentar-se à comunidade e mostrar a forma como gerencia os impactos ambientais em seus processos. “Se em uma empresa de mineração podemos fazer coleta seletiva, utilizar a água de forma consciente,

economizar energia, porque não fazer isso em casa?”, pergunta Benônimo Júnior, chefe do setor de Meio Ambiente, de onde saem muitas campanhas educativas.

A comunidade na empresa – O programa Empresa Aberta foi um avanço no relacionamento com a comunidade, que pôde visitar as operações industriais e conhecer detalhes sobre o trabalho que é realizado em todas as áreas, especialmente na ambiental.

Aberto à comunidade, o Centro de Preservação Ecológica (CPE) foi criado para ser um espaço dedicado à educação ambiental,

tem viveiro para receber pássaros apreendidos pelo Ibama em criatórios irregulares e uma trilha ecológica com túneis, pontes suspensas e outras atrações.

No percurso, veem-se árvores identificadas com nome e espécie. No local é cultivado um viveiro de mudas nativas da região, com capacidade para produzir 20 mil mudas por ano. As mudas são oferecidas gratuitamente à comunidade.

Em 2011, mais de 600 pessoas passaram pelo CPE em atividades da Semana de Meio Ambiente, colônia de férias e visitas orientadas.



Em 2011, mais de 600 pessoas passaram pelo Centro de Preservação Ecológica instalado na área da indústria

A empresa na comunidade – Adotando a transparência como meio para chegar à comunidade, a Serra Grande criou mecanismos de diálogo para que as pessoas pudessem apresentar suas opiniões e fazer questionamentos sobre as atividades da empresa na região. Para responder questões como “quais controles a empresa utiliza para garantir a preservação ambiental?”, “quais impactos ambientais suas operações podem causar?”, e até “como agir em caso de incidentes ambientais?” foi criado um canal 0800 para dúvidas e reclamações; concomitantemente, um programa de rádio foi lançado abordando as práticas incorporadas pela empresa, aberto às perguntas da população. As informações geradas em decorrência desse relacionamento interativo foram compiladas em um material impresso que será distribuído à comunidade.

Para levar informações aos estudantes das escolas do município, a empresa criou o Projeto Mina na Escola. Durante 10

dias, alunos do 7º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental II podem formalizar suas dúvidas com relação às atividades da empresa, posteriormente, profissionais da Serra Grande vão até as salas de aula para falar a respeito do que foi colocado. Nesse fórum aberto à participação popular são levantadas questões como as detonações na mina a céu aberto, se prejudicam ou não o solo da cidade, se as atividades da empresa interferem na vazão dos rios e na qualidade da água, se a barragem de rejeitos é segura, entre outras.

Em 2013, o público foco do programa de relacionamento da empresa serão os alunos do Ensino Médio.

Gestão ambiental – No ano passado, a Serra Grande foi reconhecida por seu compromisso com o meio ambiente, sendo premiada em duas categorias no Prêmio Goiás de Gestão Ambiental 2011. Destacou-se como tendo o melhor sistema de gestão ambiental entre as indústrias de grande porte e

a melhor em educação ambiental. O Prêmio Goiás de Gestão Ambiental está em sua sexta edição e acontece a cada dois anos.

Sobre a empresa

A Mineração Serra Grande opera há mais de 20 anos em Crixás, cidade localizada na região Norte de Goiás. Recentemente, foi adquirida integralmente pela AngloGold Ashanti, empresa sul-africana, que anteriormente dividia o controle acionário da mineradora com a canadense Kinross. É responsável pela geração de cerca de 1 mil empregos diretos. Sua produção anual é de 4,2 toneladas de ouro, com um faturamento de aproximadamente R\$ 300 milhões. Nos últimos cinco anos realizou investimentos superiores a R\$ 12 milhões na área ambiental e em projetos sociais, culturais e esportivos em Goiás.



Sustentabilidade

Por Beyle de Abreu Freitas

“Nossa geração tem condições de garantir a segurança dos passageiros atuais e futuros nesta viagem na grande aeronave que chamamos de Terra?”

A palavra do momento é “sustentabilidade”. É o assunto principal de livros, revistas, jornais, televisão. E com a proximidade da Rio+20, o assunto compete até com os escândalos do momento e com os crimes mais escabrosos.

Será que a população terráquea e seus governos terão capacidade para enfrentar os riscos gerados por um consumo exacerbado dos recursos que o planeta possui? Até quando poderemos continuar usando energia gerada na base de combustíveis fósseis? Até quando o planeta poderá suportar a destruição de suas florestas e o desperdício de suas águas? E como subproduto desta predação intensiva, a poluição atmosférica e o aquecimento global?

A espécie humana, a maior predadora que a Terra já suportou, cresce assustadoramente, levando ao acirramento desse consumo e aos efeitos nocivos de sua utilização. O que temos denominado de “desenvolvimento” tem na sua base a sistemática destruição desses recursos renováveis, florestas e água e o esgotamento da matriz energética fóssil.

Por outro lado, o grande “gerador de energia” de nosso sistema planetário, o Sol, tem sido pouco utilizado. Seus efeitos sobre a Terra, os ventos, as marés, os rios, a fotossíntese e toda a vida animal e vegetal, recursos que chamamos renováveis, representam muito pouco nesta grande matriz energética mundial.

Essas verdades todo o mundo conhece, então por que não se consegue um esforço conjunto e sério para enfrentá-las?

As potências mais desenvolvidas, que foram e são as maiores consumidoras desses recursos, não têm demonstrado muito interesse na discussão e na busca de soluções para esses problemas.

Os países mais pobres, na África, Ásia e América Latina, quase sem nenhum poder político internacional, muitos deles sob regimes ditatoriais ou sofrendo efeitos de guerras fratricidas, com suas populações sem o básico

para viver, são meros espectadores desse grande debate.

Por outro lado, os grandes “emergentes”, principalmente a China e a Índia, com enormes disparidades sociais internas, precisam e vão precisar, cada vez mais desses recursos para dar a seus povos melhores condições de vida.

E quando falamos nesses dois países estamos falando em bilhões de pessoas, sedentas de mais conforto e segurança, distribuídas em áreas carentes de recursos naturais e com solos esgotados ou desérticos. Dentro dos padrões atuais de produção de energia e de alimentos, isso exige muita água, terra agricultável e combustíveis.

Quem poderá negar a estas pessoas os benefícios do mundo desenvolvido? Como frear o consumo desenfreado e a conseqüente poluição ambiental dos mais ricos, estimular o desenvolvimento econômico e social dos mais pobres e garantir caminhos imediatos e sustentáveis de crescimento para os emergentes?

Se no quadro político o cenário não é animador, pelo lado empresarial, a preocupação com a perenização dos negócios e seu progresso sustentável vem apresentando resultados animadores.

São soluções que exigem grandes investimentos, mudança de hábitos e muita criatividade. Empresas como a Coca-Cola, presente em mais de 200 países, está revendo sua cadeia de processos e de seus parceiros: fabricantes, distribuidores, fornecedores e clientes, com a visão de um negócio sustentável para o planeta e para as pessoas das comunidades em que atua. Está fazendo o “dever de casa” e mostrando o caminho para a solução, em escala global do risco de mesma dimensão. O programa abrange todo o sistema do complexo empresarial, no mundo, com metas para os próximos anos, até 2020. Dentre elas: 1) Reduzir o consumo de água. Ser “neutro” em água, ou seja, consumo igual ao que será devolvido ao meio ambiente; 2) Reciclar 100% de suas embalagens. Fazer

do que hoje é lixo, fonte de receita; 3) Crescer o negócio reduzindo as emissões de carbono, tanto de suas fábricas quanto de suas frotas; 4) Estimular hábitos saudáveis e aumentar a consciência do consumidor em relação aos benefícios de cada uma de suas bebidas; 5) Promover o desenvolvimento das comunidades em que atua; 6) Ter uma mão de obra tão diversificada quanto o mercado em que atua.

Na Refrescos Bandeirantes, fabricante dos produtos Coca-Cola para os estados de Goiás e Tocantins, esse programa está implantado desde 2005, com resultados estimulantes e encorajadores. O consumo de água das operações da indústria foi reduzido em 20% em seis anos. Caiu de 3,8 litros por litro de bebida produzida em 2005 para 2,47 litros em 2011. A frota de veículos de carga utiliza hoje 100% de biocombustível, com a redução sensível de emissão de carbono. Em 2005 utilizava apenas diesel. A indústria garante a reciclagem de 98% de suas embalagens de alumínio e 40% das fabricadas com PET. Em 2011, esses números eram 97% e 27%, respectivamente.

Possui programas de qualificação de mão de obra para o varejo, denominados “Coletivos”, tendo qualificado mais de 1 mil jovens nas suas oito unidades atuais, em apenas dois anos de operação. Deste efetivo formado, 35% já estão inseridos no mercado local.

Em parceria com as Faculdades Alfa, mantém programas de treinamento e aperfeiçoamento para seus colaboradores, em constante atualização de seus conhecimentos e habilidades, visando atender ao crescimento de seu negócio e às exigências do mercado de trabalho local.

Contribui com várias atividades sociais, culturais, esportivas e beneficentes de instituições e pessoas, como o Hospital do Câncer de Goiânia e de Rio Verde, ambos em Goiás. É o trabalho conjunto de milhões de pessoas por todo o planeta, engajadas no objetivo de uma marca de 126 anos de sucesso e integração social com as comunidades em que atua.

Catadores de materiais recicláveis ganham apoio

Parceria entre Refrescos Bandeirantes, prefeituras de Goiânia, Palmas e Gurupi, UFG e Banco do Brasil contribui para a profissionalização de catadores de materiais recicláveis

Ações que levam a um quadro de sustentabilidade são vistas como estratégicas para o crescimento da Refrescos Bandeirantes, fabricante e distribuidora dos produtos Coca-Cola para Goiás e Tocantins.

Na área ambiental, a empresa apoia diretamente 17 cooperativas de reciclagem nos dois estados, com a doação de Equipamentos de Proteção Individual (EPI's), que permitem uma maior proteção dos cooperados quando do manuseio dos resíduos. Como forma de incentivo ao trabalho, no final do ano, as cooperativas que atingirem a meta proposta de recolhimento de material são beneficiadas com prêmios, em valores que chegam até R\$ 2 mil.

De acordo com o gerente de Comunicação e Sustentabilidade da empresa Douglas Lacerda, para complementar o apoio

às cooperativas, a Refrescos Bandeirantes, as prefeituras de Goiânia, Palmas e Gurupi, junto com a Universidade Federal de Goiás (UFG) e o Banco do Brasil realizaram uma parceria para a criação do documentário *Recoopet - A natureza ganha, você também*, que divulga o sucesso da experiência da coleta seletiva em Goiânia e incentiva o desenvolvimento sustentável das cidades.

Por meio da UFG, os cooperados participam do projeto de empresas incubadoras, destinado a formar empreendedores de diversas áreas de atuação. Lá, os cooperados recebem treinamento sobre como administrar o próprio negócio. O Banco do Brasil, por sua vez, apoia cedendo caminhões para o recolhimento dos materiais.

A possibilidade de trabalho e renda advindos com o projeto mudou a vida de muitas pessoas.

“Antes eu era doméstica, tinha uma vida difícil, hoje não, eu sou minha patroa e a cooperativa é de todo mundo. A gente tem muito incentivo, no ano passado ganhamos um freezer, esse ano vamos fazer de tudo para ganhar de novo” conta Maria de Lourdes, presidente da Coopermas.

Ao apoiar as cooperativas, a empresa reconhece a importância da atividade no contexto da vida urbana, além de valorizar os catadores de materiais recicláveis. “Hoje eu sou reconhecido, antes eu era carreiro de rua, não era visto como uma pessoa que está trabalhando, era visto como um rasgador de lixo. Se cada morador separar seu material, ele vai ajudar o meio ambiente e o catador, dando pra gente a oportunidade de trabalhar, de ser um cidadão e de ter uma vida melhor”, diz Cleidiomar dos Santos, cooperado da Coopermas.



Catadores de materiais recicláveis comemoram metas alcançadas com o trabalho de coleta seletiva

Comunicação incentivada coleta seletiva

O documentário *Recoopet - A natureza ganha, você também* faz parte de um conjunto de ações para promover e valorizar o trabalho realizado pelos catadores de materiais recicláveis, ligados às cooperativas apoiadas pela Refrescos Bandeirantes, prefeituras de Goiânia, Palmas e Gurupi, UFG e Banco do Brasil. O documentário foi apresentado às prefeituras dos municípios onde a empresa possui centros de distribuição: Palmas e Gurupi, no Tocantins, e São Luís dos Montes Belos, Rio Verde, Anápolis, Aparecida de Goiânia, Itumbiara e Uruaçu, em Goiás. Na internet, ele pode ser acessado no endereço www.rebic.com.br.

Beyle de Abreu Freitas (beyle@rebic.com.br) é vice-presidente de Assuntos Corporativos da Refrescos Bandeirantes

Política de benefícios prioriza colaborador e a família

Com um leque de ações nas áreas de saúde e lazer, empresa reafirma compromisso com qualidade de vida e satisfação dos colaboradores

A Jean Darrot, indústria do setor de confecção em Goiás, não é feita só de moda. Por trás dos bastidores a equipe de profissionais que trabalha para levar às vitrines e passarelas a moda goiana é amparada por uma política interna que impacta positivamente no ambiente de trabalho. A empresa se preocupa com a qualidade de vida dos colaboradores e concede a eles benefícios que são estendidos aos familiares.

Em parceria com a Planmed (Plano de Saúde São Francisco) a Jean Darrot oferece plano de saúde com atendimento médico e ambulatorial e exames laboratoriais. O plano dá direito a todas as coberturas previstas pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) e atendimento nacional para urgências e emergências pela Associação Brasileira de Medicina de Grupo (Abramge).

Há 10 anos, a empresa implantou a ginástica laboral em sua rotina. Acompanhados por um fisioterapeuta, todas as manhãs os trabalhadores participam de práticas de alongamento, relaxamento e fortalecimento do corpo. O diretor Jânio Darrot diz que a atividade traz benefícios diretos para os colaboradores e para a empresa. "Além de fazer bem à saúde, a ginástica eleva a autoestima, favorece o contato e a integração social. É perceptível o quanto nossos colaboradores ficam mais motivados e o ambiente alegre e tranquilo", diz ele.

Com o fim de criar uma cultura de prevenção e cuidado contínuo com a saúde, a Jean Darrot promoveu o Dia da Saúde, em 21 e 28 de março, em parceria com a Planmed e Laboratório Atalaia. No evento, foram realizados exames de glicemia e medição de pressão arterial de todos os colaboradores.

A recepcionista Juliana Rodrigues de Aquino Martins confirma o impacto positivo das medidas adotadas pela Jean Darrot. Para ela, as atividades voltadas à promoção da saúde, a exemplo da ginástica laboral, deixam as pessoas bem-humoradas e dispostas para o trabalho.

Este semestre a empresa conseguiu formar 15 times, apenas de colaboradores, para disputar a Copa Jean Darrot de Futebol. Os jogos foram realizados em Trindade-GO, onde a indústria está localizada. Segundo o gerente de Recursos Humanos Antônio Pelágio Ferro promover atividades de esporte e lazer possibilitam o favorecimento de um ambiente amigável entre os colaboradores.

A última iniciativa da empresa foi firmar convênio com o Clube Raio de Sol para proporcionar momentos de lazer e diversão aos colaboradores e seus familiares.



Colaboradores participam de campanhas voltadas à promoção da saúde e passam por exames de rotina gratuitos



Assista ao Filme Institucional Eternit através deste QR Code



MULTISLUTION

O TEMPO É O MAIOR DOS CONSTRUTORES: CONSTRÓI HISTÓRIAS, SUCESSO E AMIZADES.

A Eternit é uma empresa com mais de 70 anos de história, que possui hoje um portfólio diversificado de produtos, que começou com as tradicionais telhas e caixas d'água, se expandiu com as mais modernas soluções em sistemas construtivos, tornou-se sinônimo de bom gosto em 2009 com o lançamento de sua linha de louças e assentos sanitários e, agora em 2012, lança também sua linha de metais sanitários.

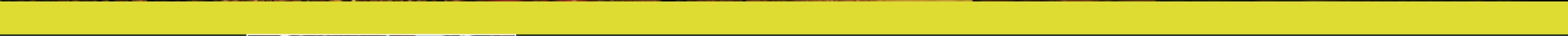
Com o objetivo de ser a maior e mais diversificada Indústria de construção, a Eternit inova constantemente, sempre respeitando o meio ambiente, consumidores, colaboradores, fornecedores e acionistas.

Afinal, sucesso só ganha valor quando laços de amizades são intensificados e os laços mais fortes são justamente aqueles construídos e renovados ao longo do tempo.

Eternit. Mais de 70 anos de vida. E ainda melhor com o tempo.



NOSSA ENERGIA É **LIMPA,**
RENOVÁVEL E PRODUZIDA
COM **SUSTENTABILIDADE.**



O setor sucroenergético goiano impulsiona o desenvolvimento do Estado. São produzidos milhões de litros de etanol, toneladas de açúcar e dezenas de megawatts de energia que colocam Goiás em posição privilegiada no cenário nacional.

SIFAEG
SINDICATO DA INDÚSTRIA DE FABRICAÇÃO
DE ETANOL DO ESTADO DE GOIÁS
GOIÁS ETHANOL INDUSTRY ASSOCIATION

SIFAÇUCAR
SINDICATO DA INDÚSTRIA DE FABRICAÇÃO
DE AÇÚCAR DO ESTADO DE GOIÁS
GOIÁS SUGAR INDUSTRY ASSOCIATION

Campanhas despertam valores humanos

Ações de voluntariado, com cunho educativo e de cidadania mobilizam a comunidade, as empresas e seus colaboradores, e são incorporadas às unidades do Sistema Fieg

Realizada há 11 anos por alunos e professores do Sesi Campinas, a campanha Doe Sangue, Doe Vida é a principal parceria que o Banco de Sangue do Hospital Araújo Jorge, em Goiânia, possui atualmente. A unidade de saúde, que recebe diariamente 30 doações, arrecada com a iniciativa, em apenas um dia, cerca de 600 bolsas, quantidade suficiente para manter seu estoque abastecido por 20 dias.

A campanha mobiliza alunos do ensino médio e fundamental, professores e colaboradores da escola do Sistema Fieg. Para o êxito das ações desenvolvidas, os estudantes fazem pesquisas para elaborar folders, panfletos e cartazes de divulgação. Também

Campanha Doe Sangue, Doe Vida é a principal parceria que o Banco de Sangue do Hospital Araújo Jorge, em Goiânia, possui atualmente. A unidade de saúde, que recebe diariamente 30 doações, arrecada com a iniciativa, em apenas um dia, cerca de 600 bolsas, quantidade suficiente para manter seu estoque abastecido por 20 dias



Voluntário doa sangue na campanha realizada por alunos e professores do Sesi Campinas em prol de hospital filantrópico

percorrem empresas em busca de patrocínio. O dinheiro arrecadado é destinado à aquisição de brindes para serem sorteados entre os participantes. Um ponto de coleta é montado na própria unidade de ensino. Apresentações culturais e de dança movimentam o dia da ação.

Cerca de 2 mil pessoas são mobilizadas no dia do evento. Entre elas, dez funcionários do Banco de Sangue do Hospital Araújo Jorge mantêm plantão no Sesi Campinas, das 7 às 19 horas, para atender aos doadores, muitos deles ex-alunos que comparecem à escola ou ao banco de sangue para fazer a doação.

Assistente social do Banco de Sangue do Hospital Araújo Jorge, Celma Martins da Cunha enfatiza a importância da ação e lembra que os pacientes dependentes de procedimentos como hemodiálise precisam mais de sangue do que de água. Além de sangue, a unidade, segundo Celma, tem recebido muitas doações de plaquetas.

A campanha, de outro lado, visa conscientizar crianças e jovens sobre o valor da doação, conforme atesta a aluna Lorena Dayse: "Não apenas doadores e quem recebe as doações são afetados pela solidariedade, mas nós que participamos passamos a ter outra concepção do mundo".

Engajamento das indústrias - A cada ano, o Doe Sangue, Doe Vida ganha mais adeptos ao mobilizar a comunidade e indústrias da região da escola. Cerca de 230 funcionários da Perfinasa, indústria de chapas e perfilados instalada no Setor dos Funcionários, se engajaram na causa e, além de doar sangue, contribuem financeiramente. Muitos alunos da unidade são filhos de trabalhadores da empresa.

Para a encarregada de Recursos Humanos da Perfinasa, Edilene Alves, o Doe Sangue, Doe Vida é um projeto com objetivos nobres. "A ação desperta nos participantes valores de amor ao próximo, envolve os pais na vida acadêmica dos filhos e a empresa, como parte integrante da sociedade", diz.

Coleta seletiva envolve colaboradores

Outra ação de largo alcance social que une o Sesi e as demais unidades do sistema indústria em Goiás é o Programa de Gerenciamento de Resíduos Sólidos (PGRS), implantado em sete unidades da Fieg, em que diversos materiais recicláveis são coletados e doados

a instituições como a Associação Pestalozzi de Goiânia e Associação de Combate ao Câncer. Outras 27 unidades se preparam para implantar a experiência, que até agora, em pouco mais de um ano, recolheu cerca de 20 toneladas de produtos. A coleta inclui pilhas e baterias de celular, e lâmpadas fluorescentes, separadas para descontaminação.

A iniciativa atende à Política Nacional de Resíduos Sólidos, aprovada pelo Congresso Nacional em 2010, e é realizada na Casa da Indústria, no Sesi Vila Canaã, Sesi Campinas, Sesi Jardim Planalto, na Unidade Integrada de Aparecida de Goiânia e no Palácio da Indústria.

A quantidade de material coletado é suficiente para encher dois caminhões da Comurg. Segundo Carlos Soares, que está na direção do programa, a reciclagem desses produtos contribui para prolongar a vida útil do aterro sanitário de Goiânia. Por sua vez, as instituições beneficiadas com a doação dos materiais recicláveis têm na comercialização deles uma fonte de receita. Para a gestora de projetos da Associação Pestalozzi, Sirlene Crispim Vieira Praxedes as doações ajudam a instituição a cumprir seu papel social de formar pessoas com deficiência, já que se trata de uma verba destinada à compra de materiais utilizados pelas crianças e alunos em suas atividades escolares e educativas.

Ações interagem públicos distintos

Atuando de forma conjunta e complementar, o Sesi e o Senai realizam diversos programas que beneficiam a comunidade e estimulam as empresas a praticarem uma gestão socialmente responsável, dentre eles:

Sesi

- . Oficinas com uso de materiais reutilizados e recicláveis
- . Confeção de brinquedos com sucatas
- . Combate ao bullying
- . Conscientização sobre condutas no trânsito
- . Fomento à agricultura familiar
- . Incentivo à solidariedade, preservação ambiental, acessibilidade e lazer
- . Programa de preparação para a aposentadoria (PPA);
- . Programa de Gerenciamento de Resíduos Sólidos nas unidades
- . Projeto Administre Melhor o Seu Dinheiro
- . Ação Global

Senai

- . Cursos de capacitação profissional para detentos do sistema prisional
- . Capacitação para inserção no mercado de trabalho de pessoas com deficiência
- . Qualificação profissional para jovens aprendizes

Organização reduz impactos ambientais de unidade de saúde

Responsável pelo gerenciamento do HGG desde março, Idtech faz reparos estruturais, reduz custos e dá exemplo sobre o quanto manutenção gera economia de recursos naturais

O serviço hospitalar apresenta uma variedade de aspectos ambientais que, dependendo da atividade, podem se transformar em impactos significativos ao meio ambiente. Seus usuários estão diariamente consumindo energia e água, gerando grande quantidade de resíduos sólidos e efluentes. O Instituto de Desenvolvimento Tecnológico e Humano (Idtech) assumiu a gestão do Hospital Alberto Rassi (HGG) com um projeto inovador de sustentabilidade, que, além de reduzir o uso de recursos naturais, auxiliará no controle de infecção hospitalar, garantindo segurança e qualidade assistencial aos pacientes.

O Idtech, organização social goiana que atua na área da saúde pública desde 2005, venceu o chamamento público do Governo de Goiás para gerenciar o HGG. O know how do instituto e sua competência técnica resultaram na melhor pontuação do processo seletivo, que teve a participação de mais três concorrentes. O contrato de gestão com a Secretaria de Estado da Saúde foi assinado na segunda quinzena de março de 2012. Desde então, o hospital tem passado por transformações importantes para os usuários do Sistema Único de Saúde (SUS).

As medidas tomadas pelo Idtech são calçadas nos princípios da sustentabilidade, da transparência, da excelência e da responsabilidade social. "São conceitos que estão presentes desde a fundação do instituto. Não poderíamos deixar de aplicá-los em um dos nossos principais desafios: o gerenciamento de um hospital do porte do Hospital Alberto Rassi, que reúne os principais especialistas da área da saúde no Estado de Goiás. Esta unidade será em breve uma referência no tratamento de alta e média complexidade do serviço público", declara o coordenador executivo da organização social, José Cláudio Romero.

A organização social, reconhecida também por seu caráter moderno e tecnológico de gestão, está tomando medidas para viabilizar a transformação do HGG num modelo



Serviços de manutenção reduzem consumo de água e energia elétrica

de hospital em que todos os processos serão digitalizados. "Nossa meta é um hospital com papel zero, pois está comprovado que a eficácia e a produtividade dos serviços aumentam na mesma medida em que se reduzem a quantidade de papéis", diz o coordenador de gestão hospitalar, Marcelo Rabahi.

Medidas objetivam transformar o HGG num modelo de gestão

Força-tarefa é mobilizada - Logo quando assumiu, uma das atitudes do Idtech que causou maior impacto positivo no hospital foi a realização da força-tarefa de manutenção e reparos no prédio. Cerca de 50 trabalhadores fizeram mais de 250 consertos na parte hidráulica, elétrica e estrutural da unidade de saúde. Esse trabalho teve influência direta na

economia de recursos naturais, além de proporcionar mais conforto e segurança aos colaboradores e aos pacientes. "Foi uma grande ação para corrigir detalhes que atrapalhavam e, muito, o desempenho do HGG", observa Marcelo Rabahi.

Torneiras com vazamentos, vasos sanitários e ralos entupidos e infiltração eram alguns dos problemas comuns no HGG. Somente os consertos hidráulicos permitiram uma economia de 10% na média dos meses de fevereiro e março, em comparação com a média de abril e maio. A ideia é conseguir, por meio de ações criativas, reduzir ainda mais o uso da água. Cerca de 50 caixas de passagem de esgoto foram impermeabilizadas evitando possíveis infiltrações e melhorando o escoamento.

Outro aspecto relevante é a segurança na área elétrica. Cabos de alta tensão de cerca de 13.800 volts estavam expostos há pelos dois anos, mas foram devidamente consertados durante a força-tarefa. De acordo com o engenheiro eletricista contratado para o



Daniel Régis e Andrea Inês Spadeto Aires na apresentação do Plano de Gerenciamento de Resíduos de Serviços de Saúde do HGG

serviço, Marcus Vinícius Cavalcanti, o problema também provocava desperdício de energia. "Além do risco de o hospital parar, acidentes fatais poderiam acontecer", explica.

Gerenciar os resíduos é a meta

No Dia Mundial do Meio Ambiente, 5 de junho, o Idtech apresentou o cronograma de implantação do plano de gerenciamento de resíduos do HGG. O documento foi traçado com o objetivo de proteger os trabalhadores do hospital, preservar a saúde pública, os recursos naturais e o meio ambiente. As estratégias e o cronograma foram detalhados pelo engenheiro ambiental Daniel Régis, do Idtech, e pela chefe do Serviço de Controle de Infecção Hospitalar do HGG, Andrea Inês Spadeto Aires.

O Plano de Gerenciamento de Resíduos de Serviços de Saúde (PGRSS) vai apontar e

gestionar as ações relativas ao manejo dos resíduos, contemplando os aspectos referentes à geração, coleta, segregação, acondicionamento, armazenamento, transporte, tratamento e destinação final dos mesmos, bem como a proteção à saúde.

De acordo com Daniel Régis, o plano começará a ser desenvolvido em junho, com o diagnóstico situacional, que será feito em parceria com o Serviço de Controle de Infecção Hospitalar do HGG. "Já foram identificados alguns erros no processo de manuseio e descarte de lixo dentro da unidade, que estão sendo corrigidos pontualmente. Com o diagnóstico, será possível implantar medidas mais aprofundadas, de forma a garantir a segurança do trabalhador", explica o engenheiro ambiental.

De forma permanente, uma comissão formada por colaboradores e técnicos ambientais e do Serviço de Controle de Infecção Hospitalar do HGG vai acompanhar o desenvolvimento do plano dentro do Alberto Rassi. Serão promovidas também campanhas entre

os trabalhadores da unidade de saúde para a cooperação para com o plano e a disseminação das regras instituídas para o descarte e manuseio dos resíduos. "Essas ações precisam acontecer de forma continuada, de modo que se mude a cultura dos trabalhadores em prol da limpeza e da preservação ambiental no HGG", observa Daniel Régis.

Idtech e Serviço de Controle de Infecção Hospitalar do HGG selam parceria para realizar gestão de resíduos sólidos

Gestão ambiental é modelo no setor sucroenergético

Empresa busca sustentabilidade aliando preservação ambiental e emprego de tecnologia nos processos que vão do cultivo da cana-de-açúcar à cogeração de energia

Em uma época, quando praticamente não havia a preocupação em preservar o meio ambiente, a Jalles Machado já desenvolvia ações com vistas à sustentabilidade de seus negócios, segundo conta Otávio Lage de Siqueira Filho, diretor-presidente. A empresa é a única do setor sucroenergético brasileiro a possuir um conjunto de certificações que garantem a qualidade de seus produtos e atestam as ações que visam o desenvolvimento sustentável.

As principais certificações são ISO 14001:2004 (gestão ambiental), ISO 9001:2008 (gestão da qualidade), produção orgânica – emitida pelo IBD, EcoSocial – referente a projetos socioambientais e práticas de comércio justo, cogeração de energia pelo Protocolo de Kyoto – MDL – Crédito de Carbono, Kosher para venda na Comunidade Judaica, GMA- SAFE (segurança alimentar), e FSSC 22000 (segurança alimentar). A empresa também possui o selo da Fundação Abrinq e é certificada para vender seus produtos nos mercados americano, europeu, canadense e japonês.

Com o fim de dar destinação correta aos resíduos gerados nos processos industriais, a Jalles Machado realiza a coleta seletiva e utiliza os resíduos como adubos e fertilizantes naturais. Além disso, a empresa investiu em sistemas lavadores de gases, que evitam que sejam lançadas na atmosfera fuligem, poeira e outras partículas resultantes da queima do bagaço da cana.

A Jalles Machado dispõe de estação de tratamento de esgoto que processa 100% dos dejetos domésticos. Os efluentes são incorporados ao sistema de fertirrigação na área agrícola, isentando qualquer possibilidade de lançamento em corpo receptor. A empresa possui aterro sanitário desde 1994, licenciado pela Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos do Estado de Goiás (Semarh), onde realiza descarte dos resíduos que não podem ser reciclados.

O complexo agrícola conta com viveiro, com capacidade de produção anual de 100 mil mudas de espécies nativas da região, cultivadas para atender aos programas de reflorestamento das matas que margeiam rios e córregos.

Cultivo da cana-de-açúcar – A Jalles Machado faz uso da agricultura de precisão desde 2003,



Colheita mecanizada atinge 95% de toda a área plantada da empresa

com a aplicação de taxa variada de corretivos. A tecnologia consiste na correção do solo considerando sua variabilidade. Em 2007, a empresa implantou a sulcação com uso de piloto automático e, em 2010, iniciou a utilização de aplicação de herbicidas e adubos utilizando a taxa variada. Com o emprego dessas tecnologias, a empresa considera que, atualmente, 100% da área com cana-de-açúcar são cultivados utilizando alguma ferramenta de agricultura de precisão.

A empresa também realiza o manejo integrado de pragas, que consiste em, antes de considerar qualquer inseto uma praga, estudar o seu potencial de causar danos. Assim, o monitoramento faz com que ocorra a racionalização na aplicação de inseticidas, ou seja, apenas espécies que prejudicam a lavoura canavieira é que são eliminadas. “Dessa forma, a empresa diminui o uso de agrotóxicos e preserva as espécies que não causam danos à cana-de-açúcar”, diz Edgar Alves, gerente agrícola da Unidade Otávio Lage.

A broca é uma das principais pragas da cana-de-açúcar. Para promover o controle natural dela e evitar o uso de agrotóxicos, a empresa mantém um laboratório biológico, onde são

criadas vespas, um inimigo natural da broca, que são liberadas na lavoura.

No cultivo da cana, também são utilizados resíduos industriais, como a vinhaça e a torta de filtro. A vinhaça, proveniente do processo de fabricação do etanol, tem alto potencial poluente e é gerada em grande volume. Para cada litro de etanol fabricado, são produzidos 13 litros de vinhaça, aproximadamente. Na Jalles Machado, a vinhaça tem destino nobre, sendo utilizada na lavoura como fertilizante natural, rico em potássio, o que diminui o uso de adubo químico e reduz em até 25% o consumo de água na irrigação. A torta de filtro, proveniente da decantação do caldo durante a fabricação de açúcar e etanol, é utilizada para a adubação orgânica no plantio da cana, por ser rica em matéria orgânica e fósforo.

A colheita mecanizada atinge 95% de toda a área plantada da empresa. As colheitadeiras deixam uma cobertura de palha sobre o solo que contribui para a sua preservação ao manter a terra úmida, reduz a exposição do solo à radiação solar e o protege da erosão causada pela chuva. Esse tipo de colheita dispensa as queimadas.

60 anos de parceria com a melhor fornecedora de matéria-prima da indústria.

Ao completar 60 anos, a Federação das indústrias do Estado de Goiás (FIEG) se orgulha de ter participado ativamente do desenvolvimento socioeconômico de nossa gente. Paralelamente à parceria com as indústrias, visando ao seu fortalecimento, o Sistema FIEG, integrado ainda pelo SESI, SENAI, IEL e ICQ Brasil, cria, incentiva e solidifica diversas ações de responsabilidade socioambiental. O cuidado com o meio ambiente permeia as atividades do setor produtivo, em meio à evolução tecnológica, produção sustentável. De olho no futuro.





A magia por detrás do financiamento de projetos

Por Marcelo Carneiro

Estamos diante de um dos maiores desafios do terceiro setor: a captação de recursos. Seja em qualquer área – meio ambiente, saúde, educação, ação social, esporte ou cultura –, faz-se necessário fomentar a mobilização de recursos associada ao desenvolvimento institucional de entidades que atuam na área, a partir da difusão de práticas que gerem sustentabilidade.

O terceiro setor, o chamado setor social, é constituído de entidades privadas, sem finalidades lucrativas, com o objetivo de realizar atividades em prol do bem comum e auxiliar o Estado a solucionar os problemas sociais.

As responsabilidades sociais do governo estão claras. Mas, e as empresas e pessoas físicas, por que também devem investir no setor social? Uma das questões é que está mais do que provado pelas estatísticas e por tudo que vemos no dia a dia, que o governo não consegue cumprir o seu papel no que manda a Constituição Federal. Temos deficiências em diversas áreas, em todos os governos, independente de partido político. Por consequência, estamos adquirindo maior consciência de que os problemas existentes na sociedade não são exclusivos do governo, mas também são nossos problemas, e a solução deles passa pela atuação de todos no geral e de cada um, em particular.

Em nosso país vem aumentando a participação do financiamento de empresas e indivíduos ligados às causas sociais, mas ainda é bem inferior se comparado a países desenvolvidos e ao que é necessário ser feito, na prática. Além de recursos próprios aplicados diretamente por empresas e pessoas físicas em projetos sociais, há vários tipos de outros mecanismos sendo utilizados, como, por exemplo, os incentivos fiscais, dirigidos aos financiadores de projetos, que podem utilizá-los em âmbito federal, através do imposto de renda e, em governos estaduais e alguns

“ *Interlocutores que participam do processo de interação entre as várias partes interessadas ao negócio têm que possuir sensibilidade para estabelecer parcerias e promover os diálogos fundamentais, abrindo um novo caminho para ações sociais efetivas* ”

municípios, através de seus impostos próprios (ICMS e ISS). O intuito desses incentivos é funcionar como estratégia de captação de recursos, como também promover a criação de uma cultura de participação cidadã.

As principais modalidades de doações e patrocínios, através dos incentivos fiscais, são os fundos relativos aos direitos da criança e do adolescente; as operações de caráter cultural e artístico; os projetos desportivos e paradesportivos; e as doações para entidades sem fins lucrativos, de utilidade pública ou OSCIP's. Cada qual tem seu modo de aplicação, quem pode investir, quem pode ser beneficiado, os limites das doações e patrocínios, requisitos, deduções do montante investido e características dos projetos.

E quem trabalha diretamente com essas causas sociais, o que deve fazer? São vários os fatores a serem considerados, mas pela atual circunstância em que vivemos se torna fundamental reforçar a transparência de suas prestações de contas, aprender cada vez mais a mobilizar recursos, buscando fontes alternativas e montando departamento específico para essa finalidade. Enfim, se profissionalizar, formando equipes empreendedoras que busquem novas soluções para defenderem as causas em que atuam.

Por diversos motivos, sabemos que não é simples as pessoas participarem como doadoras de causas sociais. Em geral, as empresas

estão tentando entender o que atender e quais os projetos patrocinar. Do lado das instituições ou de quem capta recursos para as diversas causas, o aprendizado e desafios são constantes. É de suma importância aprofundar nos conceitos existentes sob a ótica da empresa, analisar seus stakeholders (as partes interessadas), ter foco, saber da importância do investimento social privado (ISP) e da sustentabilidade, quebrar preconceitos existentes, ser maleável e entender sobre a governança da organização e seus fluxos.

Já há algum tempo, a responsabilidade social é vista como fator decisivo para o crescimento e desenvolvimento das empresas que, ao aumentarem seus esforços na aproximação com a comunidade, também encontram grandes obstáculos. E dentre os inúmeros desafios, está a escolha dos interlocutores que participam desse processo de interação entre as várias partes interessadas ao negócio. Essas pessoas, além de terem competência organizacional e criatividade, têm que possuir grande sensibilidade para estabelecer as diversas parcerias e promover os diálogos fundamentais, abrindo um novo caminho de ações sociais efetivas.

Esta é a arte que pode ser capaz de produzir efeitos surpreendentes em milhares de corações. Que esses mágicos aflorem cada vez mais dentro das empresas e que sejam muito bem-vindos. A sociedade agradece!

Marcelo Eugênio Carneiro (carneiomarcelo@hotmail.com) é consultor de projetos socioculturais, produtor cultural e membro da Associação Brasileira de Captadores de Recursos (ABCR)

Yamana

evoluindo
com as
comunidades



Segurança e saúde dos empregados, gestão do meio ambiente e relação com as comunidades são alguns dos preceitos da Yamana em suas operações e projetos, visando sempre à sustentabilidade do seu negócio.

A busca pelo aprimoramento contínuo da empresa só será possível com nossa equipe e as comunidades evoluindo de forma conjunta. Excelência operacional, transparência, atitude ética, respeito ao meio ambiente e integridade – esse é o jeito Yamana de ser.

YAMANAGOLD

Mais do que fazer bem, é importante fazer a diferença.



**Estas marcas fomentam
a responsabilidade social em Goiás.**

